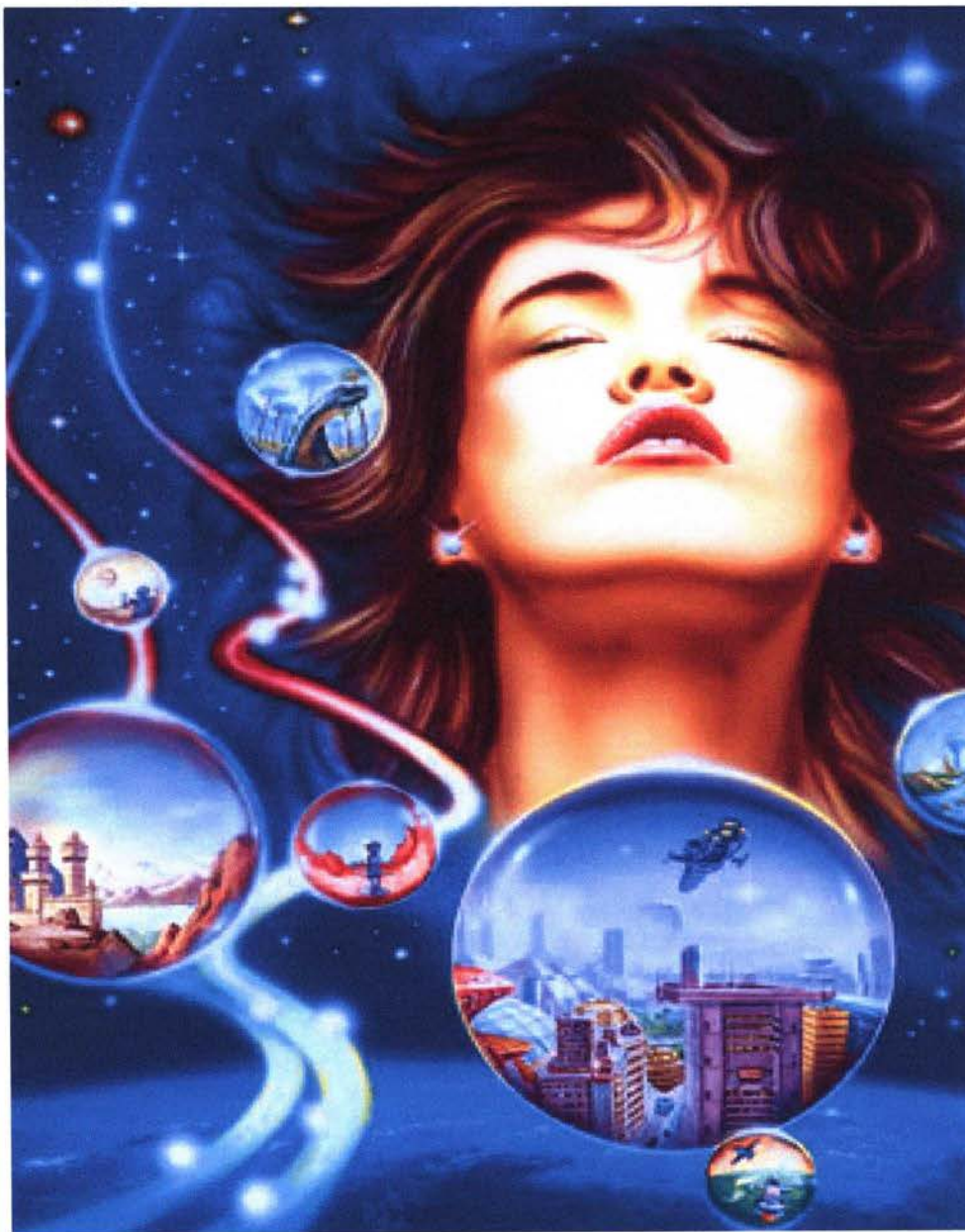


SOMNIUM



Publicação Oficial do
Clube de Leitores de Ficção Científica



Contos, Resenhas e Notícias de FC & F & H

Índice

Editorial	03
Mensagens dos Leitores	03
FC Internacional	04
FC nas Livrarias/Lançamentos	06
FC na Internet	08
Resenhas	09
FC no B: Comendo Calangos Intempol - O livro	
Pockets: "The Wind from Nowere"	
Filme: O 6º Dia	
Ciência	14
Artigo	15
"A Última Utopia" por AtaídeTartari	
Textos Encontrados numa Lista	17
Contos	19
"A Primavera" por Jorge Candeias	
"A Equação" por Carlos Orsi Martinhos	
Ilustrações	
Tiziano Cremonini / "La stirpe del'uomo"	capa



**CLUBE DE LEITORES DE
FICÇÃO CIENTÍFICA**



Reuniões mensais

- **São Paulo / SP** : Todo último sábado do mês, exceto Dezembro
Das 15h às 18h : Clube dos Engenheiros da RFFSA
R. José Paulino, 7 (Metro Luz)
Das 19h até o último sair (ou ser expulso) : Presto Pizza
R. Esmeralda, 39 (próx. ao Parque da Adimação)
- **Rio de Janeiro / RJ** : Geralmente nos 3º sábados do mês
Das 16h até o último sair (ou acabar o catchup) : Pizzaria Parmê, no
Largo do Machado

SOMNIUM

Número 80
Mar./Abril de 2001

Editorias:

Social, Notícias e Internet
Ataíde Tartari

<atartari@uol.com.br>

FC Internacional

Roberto Cesar do Nascimento
<rcnascimento@zipmail.com.br>

Artigos e Ciência

Gerson Lodi-Ribeiro

<glodir@unisys.com.br>

Resenhas

Roberto de Souza Causo

<rscauso@yahoo.com.br>

Livros, revistas & HQ

César R. T. Silva

<cerito@mandic.com.br>

Geral e Contos

Alfredo Franz Keppler Neto.

<akepple@attglobal.net>

Produção Gráfica e

Gerência Comercial

Humberto Fimiani

Arte, Diagramação e Revisão:

Alfredo Franz Keppler Neto

Tiragem: 50 exemplares

Somnium é a publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC. Aceitam-se colaborações, que podem ser enviadas em disquete IBM PC ou por e-mail no programa Word 6.0 ou menor, que ficam sujeitas à apreciação da respectiva editoria. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os textos assinados não refletem necessariamente a opinião da editoria.

O Clube de Leitores de Ficção Científica foi fundado em São Paulo, aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob número 79.416/86. Sua diretoria para o biênio 2000/2001 está composta pelos sócios Gerson Lodi-Ribeiro (Presidente), Humberto Fimiani (Secretário Executivo) e Matias Perazoli Jr. (Tesoureiro).

Correspondência:

CLFC - Clube de Leitores de Ficção Científica: Caixa Postal 2105
São Paulo-SP - 01060-970 - Brasil.

<http://members.tripod.com/~CLFC>
e-mail : akepple@attglobal.net

Editorial

"O Sonho acabou"

John Lennon

"Mas o Somnium continua..."

Anonimos

Volta e meia (mais exatamente, a cada fim de mês) o assunto reaparece e ficamos todos a discutir quais seriam as causas do baixo comparecimento dos sócios às reuniões do CLFC. Será que foram as Listas de Discussão na Internet que as esvaziaram? Ou será que foram algumas divergências que extrapolaram os limites civilizados que acabaram por afastar aqueles que só iam lá partilhar o prazer da leitura com os amigos? Ou será que foi a tal "crise economica"?

Talvez seja um pouco de tudo isso e até algo mais. Ou nada disso, desafiando o reducionismo simplista dos inocentes: afinal, nem a melhor Internet do mundo irá substituir o contato olho-a-olho, muito menos a graça de uma piada ao vivo! E as poucas brigas que tivemos mais serviram para apimentaram as reuniões do que para azedá-as, sem falar que, com crise ou sem crise, o pessoal continua indo ao futebol, comprando CD's e comendo pizza aos montes - umas 120.000 pizzas por dia, só na Grande São Paulo.

Portanto, aparentemente não há motivos óbvios para o sumiço dos sócios.

A causa não seria então o desânimo, um incongruente "Weltschmerz" tropical? Ou pior, será que foi o nosso Sonho que acabou? Viramos um bando de velhos cínicos, desiludidos, derrotados e amargurados, vendo o Mundo lá fora só pensando em carrões e palácios com pinicos de ouro em Miami? E dando três montões para os livros e as idéias que tanto valorizávamos?

É, pode ser até que aquele Sonho tenha acabado mesmo, porém eu não creio que se possa viver sem sonhos. E muito menos sem pizzas.

Ou melhor, creio que não valeria a pena.

Logo, temos mais é que arregaçar as manguinhas e ir à busca dos elusivos leitores ocultos de FC, seguindo o exemplo da nossa mais nova sócia, a Maria José Paço Costa. Ela andou peregrinando por algumas livrarias de São Paulo, inserindo filipetas do CLFC nos livros de FC&F&H expostos.

Os resultados já se fizeram sentir: em um mês apareceram três interessados em entrar para o clube.

Agora, o que eles irão encontrar por lá... bem, isso só vai depender de nós!

O Editor

Mensagens dos Leitores / por Eles Mesmos

▪ Sobre o Editor de Ciência interino (Somnium nº 79)

"Taí, Keppler, vc já criou material suficiente pra versão Bundas do Somnium, que seria lida com mais prazer que a original. Só precisamos escolher o nome: Bundiums? Somniux?" (*Ataide Tartari*)

É, parece que o Gerson vai ter que se superar para voltar a ser o titular da posição...

▪ Sobre os Somniums

"Fiquei uns 7 anos longe do CLFC, só sabia das notícias do fandom porque o Marcello me mandava o Megalon; e me cobrava pelo mesmo, sempre dizendo que eu não podia deixar o hobby - nestes anos todos, não deixei de ler e acompanhar FC (pelo menos sempre tentei); sempre estive na Themus Livros da São João e nunca vi nenhum Somnium à venda, lá eu sempre compro o que tem de nacional, para me manter a par. Nunca vi, nos últimos anos, nenhum Somnium à venda num local que é a Meca dos paulistanos sócios do CLFC, porque ????? Os rapazes da SBAF sempre deixam suas obras lá e na Muito Prazer, por exemplo, até "O Rhodaniano" eu já vi. Lembro-me de um editorial no Megalon que falava do espírito empreendedor no fandom, se não formos atrás dos fãs e sócios em potencial, dificilmente eles virão atrás do clube.... quantas edições do Somnium eu poderia ter comprado estes anos se soubesse que estavam disponíveis numa prateleira que quase toda semana eu olho? Não basta apenas não sermos "bitolados", temos também de mostrar que não somos..." (*Ivo Heinz*)

STAR TREK VOYAGER

Robert Duncan McNeill, que interpreta o Tenente Tom Paris na série, deu com a língua nos dentes e informou que nenhum dos principais membros da tripulação da *Voyager* irá morrer no episódio final da série a ser levado ao ar no dia 23/05, contradizendo alguns rumores. Ainda segundo McNeill, o episódio final trará muita ação, com cenas de batalha e alta carga emocional envolvendo cada um dos principais personagens.

STAR TREK EXCELSIOR

A International Federation of Trekkers, um dos mais ativos grupos de fãs do gênero, está redesenhando sua campanha voltada a convencer a Paramount a desenvolver um longa-metragem ou mesmo uma série baseada no personagem Hikaru Sulu e a tripulação da *USS Excelsior*. Aparentemente assumindo não terem conseguido influenciar a (futura) quinta série do gênero, decidiram focar sua atuação em manter viva o que consideram ser a visão original do futuro segundo Gene Roddenberry. Intitulada *Guardians of the Dream Campaign*, o movimento estará brevemente oferecendo um website onde os fãs encontrarão orientação para escreverem à Paramount, além do habitual: informações, fotogramas, treillers, etc.

Segundo Filme de Harry Potter ... JÁ ?!

Segundo alguns rumores veiculados via web, um segundo filme (*Harry Potter and the Chamber of Secrets*) sobre o personagem já famoso mundialmente estaria iniciando brevemente sua produção para lançamento já em 2002. O primeiro filme (*Harry Potter and the Sorcerer's Stone*) está previsto para ser lançado no próximo mês de novembro. Recentemente, o agente literário de J. K. Rowling divulgou que o tão esperado quinto volume da série - intitulado *Harry Potter and the Order of the Phoenix*, não será publicado este ano.

Ainda Harry Potter

Fundamentalistas religiosos, Zelotes queimaram livros da série *Harry Potter*, entre outros itens, alegando que todos afrontam Deus. Porta-voz da seita informou que os livros promovem bruxaria e atividades paranormais.

Carisma é Carisma...

Um poster do clássico *The Mummy*, de Boris Karloff, foi vendido num leilão em Londres por nada menos que £ 80 mil (US\$ 115 mil). O poster, de 1932, foi arrematado por um comprador anônimo no Christies Vintage Film Poster Auction.

Bradbury Award

A Science Fiction and Fantasy Writers of America premiará a série *2000X - Tales of the Next Millennium*, levada ao ar pela National Public Radio, com o Bradbury Award. A cerimônia terá lugar durante o Nebula Banquet, em Los Angeles (CA), no dia 28/04, e o prêmio será entregue pelo próprio Bradbury. A série, apresentada por Harlan Ellison, foi ao ar a partir de abril de 2000 e adaptou mais de 40 histórias clássicas de FC em cerca de 26 horas de gravações.

Falando em Prêmio...

Durante a ConJose, a próxima World Science Fiction Convention, será concedido um *Hugo* especial para premiar o melhor website. Concorrem websites dedicados basicamente a ficção científica, fantasia e fandom dos gêneros. A ConJose acontecerá, como seu nome indica, na cidade de San Jose, California, de 29/08 a 02/09/2001.

Mais Prêmios

A Horror Writers of America anunciou os concorrentes ao Bram Stoker Award, cujos vencedores serão anunciados no decorrer do 2001 Stoker Banquet, parte do HWA Annual Meeting que acontece concomitantemente à World Horror Convention:

Novel

The Deceased

Tom Piccirilli (Leisure)

The Indifference of Heaven

Gary A. Braunbeck (Obsidian)

The Licking Valley Coon Hunters Club

Brian A. Hopkins (Yard Dog Press)

Silent Children

Ramsey Campbell (Forge)

The Traveling Vampire Show

Richard Laymon (Cemetery Dance; Headline)

First novel

House of Leaves

Mark Z. Danielewski (Pantheon)

The Licking Valley Coon Hunters Club

Brian A. Hopkins (Yard Dog Press)

Nailed by the Heart

Simon Clark (Leisure)

Run

Douglas E. Winter (Knopf)

Long fiction

"God Screamed and Screamed, Then I Ate Him"
Lawrence P. Santoro (**Cthulhu and the Coeds, or Kids and Squids**)
"In Shock"
Joyce Carol Oates (*F&SF* Jun 2000)
The Man on the Ceiling
Steve Rasnic Tem & Melanie Tem (American Fantasy Press)
Riding the Bullet, Stephen King (Scribner/Philtrum Press)

Short fiction

Dead Cat Bounce
Gerard Daniel Houarner (Space & Time)
"Fallen Angel",
Robert J. Sawyer (**Strange Attraction**)
"Gone"
Jack Ketchum (**October Dreams**)
"Mexican Moon"
Karen E. Taylor (Daughter of Dangerous Dames)

Fiction collection

City Fishing
Steve Rasnic Tem (Silver Salamander Press)
Magic Terror: Seven Tales
Peter Straub (Random House)
Up, Out of Cities That Blow Hot and Cold
Charlee Jacob (Delirium Books)
Wind Over Heaven and Other Dark Tales
Bruce Holland Rogers (Wildside Press)

Anthology

Bad News
Richard Laymon, ed. (Cemetery Dance)
Brainbox: The Real Horror
Steve Eller, ed. (Dreams Unlimited)
Extremes: Fantasy and Horror from the Ends of the Earth
Brian A. Hopkins, ed. (Lone Wolf Publications)
The Year's Best Fantasy and Horror: Thirteenth Annual Collection
Ellen Datlow & Terri Windling, eds. (St. Martin's)

Nonfiction

At the Foot of the Story Tree: An Inquiry into the Fiction of Peter Straub
Bill Sheehan (Subterranean Press)
Hellnotes
David B. Silva & Paul F. Olson (David B. Silva)
Horror of the 20th Century
Robert Weinberg (Collectors Press)
On Writing
Stephen King (Scribner)

Illustrated narrative

Cable 79-84
Robert Weinberg (Marvel)
The League of Extraordinary Gentlemen Alan Moore (American's Best Comics)
"Red Romance"
Joe R. Lansdale (*Flinch 11* Vertigo)
"Spuds"
Bernie Wrightson (The Night Terrors)

Screenplay

The Cell
Mark Protosevich (New Line Cinema)
Pitch Black
David Twohy, Ken Wheat & Jim Wheat (USA Films)
Requiem for a Dream
Darren Aronofsky & Hubert Selby Jr. (Artisan Entertainment)
Shadow of the Vampire
Steven Katz (Lions Gate Films)
Unbreakable
M. Night Shyamalan (Buena Vista Pictures)

Work for younger readers

Be Afraid!
Edo van Belkom, ed. (Tundra Books)
The Christmas Thingy
F. Paul Wilson (Cemetery Dance)
Harry Potter and the Goblet of Fire
J.K. Rowling (Scholastic)
The Power of Un
Nancy Etchemendy (Cricket Press)

Poetry collection

Burial Plot
Sandy DeLuca (Thievin' Kitty Publications)
The Complete Accursed Wives
Bruce Boston (Dark Regions Press/Talisman)
Paratabloids
Michael A. Arnzen (Ozark Triangle Press)
A Student of Hell
Tom Piccirilli (Skull Job Productions)

Other media

"Back to the Black Lagoon"
David J. Skal (***Creature from the Black Lagoon*** DVD, Universal)
Chiaroscuro
Patricia Lee Macomber, Steve Eller & Sandra Kasturi (Brett A. Savory)
Gothic.net
Mehitobel Wilson (Darren McKeeman)
Twilight Tales Reading Series
Tina L. Jens & Andrea Dubnick, producers

2001, Uma odisséia no humor *Mario Mastrotti (org), Editora Virgo, 142 páginas, R\$15,00*



Antologia de humor reunindo mais de uma centena de cartuns e charges de 20 cartunistas brasileiros e um argentino, cooperados através do selo Virgo que, no ano passado fez a antologia *HumorBrasil*, nos mesmos moldes. Desta vez o tema foi o ano 2001, que cada cartunista abordou de modo pessoal. Alguns fizeram cartuns de FC, outros fizeram charges ligadas a situação social e política atual. O conjunto é equilibrado, com artistas de alto nível artístico. São eles: Agê, Alecrim, Antonio Eder, Bira, Cerito, Eder Santos, Edgard Guimarães, Fred, Gilmar, Heringer, Lailson, Márcio Baraldi, Más (Argentina), Mastrotti, Moretti, Regiscler, Rocco, Ronaldo, Samuca, Tako X e Zappa. O que surpreende é o fato de não haver nenhuma proposta similar no mercado, apesar do valor que os cartunistas gozam na mídia. Boa parte dos participantes do livro vivem de seu trabalho de cartum e charge, alguns são conhecidos internacionalmente e premiados em diversos salões de humor. O prefácio é assinado pela dupla de "promoters" da HQB Jal&Gual.

O livro foi lançado no dia 10 de março num evento realizado em São Paulo, que contou com a presença de 15 dos autores participantes, além do capista Pires e da dupla de prefaciadores, entre muitos convidados importantes, como o Prof. Álvaro de Moya, a Prof. Sonia Luyten e a cartunista e artista plástica Conceição Cahú. O coquetel ofereceu, além das indefectíveis torradas com patês regadas a vinho branco, farta quantidade de chocolates para os presentes. Nham! Nham! O livro não será distribuído às livrarias e deve ser adquirido ou com os autores ou pelo site www.humorbrasil.8m.com. (por César R. T. Silva)

Fawcett (Ed. Nona Arte, 52 pgs, R\$5,90)

Subversivos (Ed. Nona Arte, 68 pgs, R\$5,90)

Premiado com o Angelo Agostini de melhor lançamento de 2000, o álbum em quadrinhos *Fawcett* foi editado pelo próprio autor, o roteirista André Diniz, que tem longa experiência em auto-edição. Durante alguns anos veio publicando o fanzine-revista *Grandes Enigmas da Humanidade*, aventura de mistério ao estilo de Carl Barks, na qual já mostrava talento na linguagem dos quadrinhos. Sua evolução como autor fica demonstrada já a partir do curioso tema desta história, a viagem malfadada do explorador inglês Percy Fawcett, que desapareceu nas matas brasileiras enquanto buscava provas de uma civilização desaparecida. Além disso, há detalhes intrigantes no caso, que Diniz explora com desenvoltura.



Os desenhos foram realizados por um dos maiores mestres da HQB, o veterano Flávio Colín, que também granjeou o Angelo Agostini pelo trabalho. A edição tem acabamento primoroso e apesar das 40 páginas de quadrinhos (mais 12 entre capas, apresentação e posfácio), a sensação é que a história dava mais caldo. O sucesso de *Fawcett* acabou fazendo sombra no outro bom lançamento da editora, *Subversivos*, também uma história de André Diniz, com desenhos de Laudo e arte-final de Omar Viñole. Na mesma apresentação gráfica (capa em cores e miolo P&B), *Subversivos* vai fundo nos depressivos anos de chumbo da ditadura brasileira, na ótica de uma guerrilheira problemática e seus não menos comprometidos companheiros. O tema espinhoso rende uma boa história, bem contada e com momentos contundentes mesmo para quem não testemunhou o clima daquele período macabro. O estilo gráfico lembra Will Eisner e não poderia ser melhor. Merecia outro Angelo Agostini. Cx. Postal 10.995, ag. 50.300.270, Rio de Janeiro/RJ, 22020-970 www.nonaarte.com.br (por César R. T. Silva)

O Cipreste Apaixonado (Antônio de Macedo, Ed. Caminho, 360 pgs.)

O Cipreste Apaixonado é o mais recente livro do autor português Antônio de Macedo, uma antologia com 5 trabalhos, entre novelas e noveletas. Uma frase na contracapa chama a atenção: "Uma ficção, dizes tu? Não tens visto as notícias na televisão? Uns extraterrestres infravermelhos que andam por aí a infiltrar-se em árvores e animais, e a interessarem-se por nossas mulheres?" Por aí já dá para perceber o barulho que faz a noveleta que dá nome ao livro, que inclui ainda "So long Clementine", "Terminus Peripherion", "As baratas morrem de costas" (antes publicado no *Somnium* 71) e "Senhora partem tão tristes", que participou da oficina virtual do CLFC (por César R. T. Silva).



Erotosofia (Antônio de Macedo, Ed. Caminho, 312 páginas)



Erotosofia é o quarto romance do escritor e cineasta português António de Macedo. Neste trabalho ele conta uma história vinculada ao universo de H. P. Lovecraft, notadamente ao Mito de Cthullu, com um texto elaborado e minucioso, no estilo dos relatos oníricos do mestre do horror, como visto em *A Procura de Kadath*, porém com uma poética mais eficaz, uma vez que originalmente desenvolvida em língua portuguesa. Uma boa dose de humor personaliza o texto, escapando do pastiche comum aos que arriscam imitar Lovecraft. O romance inicia de modo delicioso, tal qual as histórias da mitologia grega, com uma cena de amor entre deuses que, por descuido da luxúria, acaba gerando as potestades monstruosas. Daí passa aos problemas dos Administradores Cosmogônicos, cada um mais estranho que o outro devido a suas existências em onze dimensões, dedicados a dificultar o avanço das hordas demoníacas quando, repentinamente, surgem do nada dois seres humanos em seus domínios, na verdade um casal de apaixonados que passaram, e ainda passarão, por sérios apuros (por César R. T. Silva).

Obs.: estes dois últimos livros são edições portuguesas e só poderão ser encontrados em livrarias especializadas (Temos Livros / São Paulo) ou diretamente com a Editorial Caminho www.editorial-caminho.pt

Nova colecção portuguesa

Foram lançados dia 11 de Abril na FNAC do Chiado /Lisboa os dois primeiros volumes da colecção ***Bibliotheca Phantastica***, com beberete aos convidados e meios de comunicação social. É um colecção **só de autores portugueses**, que começa a ser publicada por Hugin Editores Lda, dentro do género literário ***fantástico*** (que em Portugal não costuma ser lá muito bem tratado, sobretudo pela crítica - apesar de termos um Prémio Nobel em literatura que muitas vezes navega nessas águas!). Serão publicados, alternadamente, um volume de um autor contemporâneo e um de um autor clássico. Os primeiros volumes já programados são os seguintes:

- * Maria de Menezes - *Contos Místicos*
- * Teófilo Braga - *Contos Fantásticos* (1865)
- * Luísa Marques da Silva - *Sete Histórias por Acontecer*
- * João da Rocha - *Memórias de um "medium"* (1900)

A ideia é vir a constituir, ao fim dum número significativo de volumes, uma espécie de "enciclopédia" exemplar do que é, do que pode vir a ser e do que foi a história literária portuguesa no campo do fantástico, do mítico, do maravilhoso. Em princípio, os volumes sairão com a periodicidade de dois em dois meses. Excepcionalmente, os dois primeiros volumes saíram no mesmo dia, porque se tratava do lançamento da colecção: os *Contos Místicos* de Maria de Menezes foram apresentados pela Prof. Dr^a **Teresa Sousa de Almeida**, da Universidade Nova de Lisboa, e os *Contos Fantásticos* de Teófilo Braga pela Prof. Dr^a **Maria Leonor Machado de Sousa**, Directora da Biblioteca da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, também da Universidade Nova de Lisboa. Os interessados que queiram encomendar algum destes livros pela Internet, podem fazê-lo dirigindo-se directamente á editora Hugin Editores Lda. <hugin@netcabo.pt> (por António de Macedo)

"HÓSPEDE DO UNIVERSO" - O Projeto Multimídia VOYAGE

Depois de muitos anos de gestação, finalmente vem a luz o Projeto Voyage, criado pelo único quase-sócio do CLFC, o Adelino dos Santos Abreu, mais conhecido como Ghaba. E vem em grande estilo: o "press release" abaixo indica que serão oferecidos dois coquetéis, um para 100 convidados entre patrocinadores personalidades políticas, artistas, empresários, modelos e intelectuais e o outro para mais 400 convidados, que poderão apreciar:

- Pré-lançamento de dois livros do Ghaba, um de poemas e o outro autobiográfico.
- Lançamento da primeira trilha sonora de um livro de ficção científica: Projeto Multimídia VOYAGE em DVD, Videocassete e Show ao vivo. Cláudio Maksoud, o autor da trilha sonora do Projeto Multimídia VOYAGE (15 melodias) mostrará que é um artista completo, num evento jamais realizado na história das artes em todos os tempos. Será realizada uma exposição de pinturas a óleo (40 telas) que terão como novidade a composição musical para cada um dos quadros expostos - fato inédito na história das artes. Obs: toda a trilha sonora está disponível também no ícone: "Trilha Sonora" da página principal da Home Page.
- Exibição simultânea da Home Page do Projeto Multimídia VOYAGE, que em Maio 2001 comemora o seu terceiro aniversário no ar, com milhares de acessos pelo mundo, além de ter sido selecionada e indicada desde maio de 1999 por Rodger Turner, o editor-chefe da SF Site.
- Exposição de 30 aquarelas, também de autoria de Cláudio Maksoud.
- Exposição de 50 fotografias do Ghaba sobre vários temas.

- Show ao vivo: Músicas de Sinatra, Beatles, Jazz e Romance com a Cláudio Maksoud Band, formada por Evaldo Soares ao piano (considerado o maior pianista de Jazz do Brasil), Renato Loyola, baixo acústico, William Caram, baterista.
- Performance de ballet clássico criado por Cláudio Maksoud, intitulado "A DANÇA DOS CORPOS", com músicas do artista interpretado por um casal de bailarinos.
- Performance teatral de texto de Cláudio Maksoud intitulado "DOIS MUNDO UM", monólogo com uma atriz representando o lado feminino do artista.
- Lançamento dos CD's de: 1) Earl Fatha Hines , 2) Banda 150, 3) Marva Josie. Todos os CD's foram produzidos por Cláudio Maksoud.
- Exposição de roupas pintadas pelo artista Cláudio Maksoud – vestidos, gravatas, lenços femininos, etc.6

Tudo isso vai acontecer no **MUBE** (Museu Brasileiro de Escultura), dia 2 de Maio de 2001 às 21 h. Haverá também uma coletiva para a imprensa, rádio e tv, em local e horário a ser definido.

Mais informações sobre o autor e o seu Projeto Multimídia VOYAGE em :

<http://projetovoyage.cjb.net> ou

<http://www.angelfire.com/md/fiction/voyage.html>

e-mail: adelino.abreu@ig.com.br

FC na Internet

Sebo Virtual <http://www.seboecia.hpg.com.br>

À primeira vista, é uma incongruência: sebo é algo que associamos... bem, a sebo! E pó, muito pó cobrindo vetustos alfarrábios com capas despencando, perdidos em prateleiras capenguentas, luz mortíca saindo devagar duns bulbos pré-históricos, assoalhos rangentes e aquele delicioso bafio do saber acumulado pelos séculos. Nada mais distante do frio fluxo de elétrons que corre pelas vias da Internet! Entretanto, taí ele, um sebo virtual desafiando as tradições. Resta ver se terá o mesmo apelo dos sebos de sebo e alma!

Escrita a "n" mãos <http://www.explicacoes.com/historias>

"Provavelmente já todos vocês jogaram aquele jogo em que vários autores escrevem em conjunto, um de cada vez, de modo que cada autor continua o texto escrito pelo autor anterior. Acho que até já se falou disso na lista de FC. Resolvi fazer um site que permite fazer precisamente isso e resolvi chamar a esta actividade ficção colaborativa, um termo que devo ter apanhado algures. No início, o site pretendia ser uma coisa experimental, mas após alguns dias online já tem uma participação. Acho que a ideia pode tornar-se muito interessante e por isso estou a convidar-los a participar. As histórias são contadas em árvore. Cada autor pode contribuir com uma nova história, ou com uma nova ramificação de uma história ou ainda com a continuação de uma história. O site já funciona, mas ainda está em desenvolvimento. Com o tempo, e se o interesse das pessoas o justificar, vou adicionar mais funcionalidades". (dica do autor, João Mário Miranda).

Se é químico, é bom... <http://www.ip.pt/~ip267209/index.htm>

Diz o Jorge Candeias: "Apresento-vos a página de João Manuel da Costa de Carvalho, engenheiro químico, que tem uns desenhos FC giros on-line, além de um esquemapormenorizado para um livro de contos, incluindo um dos contos (que eu não li). A página em si está relativamente bem feita. Isto é, está bonita, mas é pena que dê barraca no Netscape. Divirtam-se!". (dica do Jorge Candeias)

Geléia Geral... <http://www.sfsite.com/columns/gabe102.htm>

Uma entrevista sobre política, FC e os "trecos", vale a pena dar uma olhada (dica do Carlos O. Martinho)

Resenhas

Acredito que esta é uma seção que deverá interessar bastante aos fãs de FC, particularmente aos que querem comprar os livros do gênero, que andam sumidos das livrarias tradicionais e provavelmente só poderão ser obtidos daqui pra frente via Internet. Estas resenhas terão portanto mais um papel (ou eletron) importante a cumprir, o de nos ajudar na difícil decisão de comprar sem ver. Basta ler a resenha, dando evidentemente o devido desconto (ou crédito) conforme os gostos e peculiaridades do resenhador: há os resenhadores-áteis, lapidários e demolidores, há os puxa-sacos, há os que geralmente acertam e, segundo os boatos correntes no fandom, parece que existe até um que está sempre errado!

COMENDO CALANGOS (por Roberto de Sousa Causo)

A publicação de ficção científica, fantasia e horror no Brasil é um negócio moribundo e o fã desses gêneros, privado de uma dieta rica e constante, está reduzido a comer calangos.

A série de aventuras do menino-bruxo Harry Potter continua dominando as listas de *best sellers*, supostamente ensinando as crianças brasileiras a lerem sobre o brilhante mundo dos internatos ingleses, e reapresentando os adultos à leitura. Li o primeiro deles, *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (*Harry Potter and The Philosopher's Stone*; Rio de Janeiro: Rocco, 2000 [1997], 263 págs., ISBN 85-325-1101-5) e gostei da movimentada história criada por J. K. Rowling, dentro do tema clássico do bastardo (no literal e não pejorativo) que conquista seu lugar ao sol e descobre ser filho da realeza — neste caso, a de uma sociedade secreta de bruxos. O segundo volume é *Harry Potter e a Câmara Secreta* (*Harry Potter and Chamber of Secrets*; Rio de Janeiro: Rocco, 2000 [1998], 287 págs., ISBN 85-325-1166-X), que eu ainda não li. O terceiro eu nem comprei ainda, razão pela qual não vou dar as informações bibliográficas. Fica para o mês que vem.

Provavelmente melhor que a série Harry Potter é a "Fronteiras do Universo" ("His Dark Materials"), de outro britânico, Philip Pullmann. O primeiro da trilogia, *A Bússola Dourada* (*His Dark Materials 1: The Golden Compass*; Rio de Janeiro: Objetiva, 1998 [1995], 417 págs., ISBN 85-7302-171-3) é um romance robusto sobre as desventuras de uma menina criada numa Oxford de um mundo alternativo. Pullmann joga a pequena Lyra num mundo implacável, onde a alquimia é uma ciência e as pessoas se movimentam numa sociedade escura e violenta, como num romance de Dickens. Outras influências claras são C. S. Lewis das Crônicas de Nárnia (publicada há pouco pela Martins Fontes, mas difícil de encontrar) e J. R. R. Tolkien, os famosos "Inklings" de Oxford, e o Jules Verne das viagens de balão e aventuras no Pólo Norte. O romance venceu os prêmios Guardian e Carnegie ingleses para melhor livro juvenil de 1996. O segundo volume é *A Faca Sutil* (*The Subtle Knife*; Rio de Janeiro: Objetiva, 1999 [1997], 370 págs. ISBN 85-7302-214-0), mas este eu ainda não li.

Harry Potter e a trilogia de Pullmann dificilmente cabem na visão brasileira do livro infanto-juvenil. São imensos e sofisticados. Não são paternalistas com relação ao leitor e empregam as técnicas consagradas de composição literária que a gente vê também na ficção adulta. A série de Pullmann é a melhor, com especulações filosóficas e teológicas de profundidade. A Objetiva nem se esforça em dirigi-los ao leitores jovens — o que talvez devesse fazer, considerando o mercado descoberto por Rowling — e os livros aparecem com capas que lembram mais as de livros esotéricos (o que não deixa de ser outra estratégia). O último volume da trilogia apareceu ano passado nos States, Canadá e Inglaterra. Chama-se *The Amber Spyglass*. Vamos torcer para que a Objetiva se lembre de que está publicando a trilogia, e lance este ano o terceiro livro.

Especulação teológica também aparece na série "Deixados para Trás" ("Left Behind"), de Tim LaHaye e Jerry B. Jenkins. Tenho aqui o primeiro, *Deixados para Trás* (Campinas: United Press, 1997 [1995], 458 págs., ISBN 852430046-9), no qual o juízo final acontece, todos os escolhidos são abduzidos pelo poder divino, deixando para trás um mundo quase que de pós-apocalipse, que tenta se reorganizar e que prenuncia o surgimento do anti-Cristo. Isto é uma ficção especulativa protestante, sendo que um dos autores conta a história, e o outro, um teólogo, corrige os aspectos religiosos. A série deve estar, no Brasil, já no seu sétimo ou oitavo volume. Há ainda uma série paralela, destinada ao público juvenil. Ambas têm passado despercebidas tanto pelos fãs de FC quanto pelos "observadores literários", sejam lá quem forem. Muitos fãs, claro, torcem o nariz para mistura FC + religião, apesar do testemunho favorável da nossa saudosa coleção Ficção Científica GRD. De qualquer forma e em último caso, para não morrer de fome, come-se o que aparece.

Na caatinga estéril que é o que sobrou da publicação de FC no Brasil, até o *techno-thriller* está passando por dificuldades, mas os paralelepípedos de Tom Clancy continuam chegando regularmente, como aconteceu com *Rainbow 6* (Rio de Janeiro: Record, 2000 [1998], 768 págs., ISBN 85-01-05717-7). O enredo sugere a solução final apresentada pelos ecologistas no filme *Os Doze Macacos*: "um plano diabólico para destruir toda a vida humana na Terra", segundo a contracapa. O herói é o ex-SEAL e operador da CIA, John Clark, um dos dois protagonistas de Clancy. O outro romance protagonizado por Clarke é *Sem Remorso*, também lançado pela Record. *Rainbow 6* foi *best-seller* no Brasil, apesar do número de páginas e do preço, beirando os R\$ 60,00.

Linha do Tempo (Timeline); Rio de Janeiro: Rocco, 2000 [1999], 564 págs., com ilustrações, ISBN 85-325-1139-2) é outro exemplo de um romance comercializado como *thriller*, mas que é claramente uma ficção científica. E *hard*, de viagem no tempo. O grupo usual de babacas americanos — do tipo que a gente já cansou de ver nos filmes — viaja à Europa medieval para recuperar um professor, perdido por lá. Entre eles está uma arquiteta e um especialista em arqueologia experimental (que existe mesmo), capaz de se virar muito bem com a espada, a lança e a cota de malha. Crichton trabalha muito bem todos os detalhes científicos e históricos, e a percepção de espaço que ele dá ao cenário medieval lembra a de *O Parque dos Dinossauros* e *Mundo Perdido*.

A relutância da Rocco em apresentar o livro como FC sugere que a editora considera que, como *thriller*, ele alcançaria um público maior. Essa relutância é freqüentemente sistemática, e inclui até a omissão de *Contato*, de Carl Sagan, como ficção científica, quando da sua republicação pela Companhia das Letras.

O horror como gênero tem mais permanência, aparentemente, junto às editoras nacionais. H. P. Lovecraft, agora em domínio público, tem sido publicado com constância, por pelo menos três editoras. Uma delas é a Campanário, do Paraná, que lançou 8 volume com contos e novelas do autor. Um deles eu li: *Na Noite dos Tempos (The Shadow Out of Time)*; Londrina: Campanário, 2000 [1936], 119 págs., ISBN 85-86698-07-5), a história de um acadêmico abduzido espiritualmente pelos terríficos monstros lovecraftianos. Tem pouca ação (muito concentrada no terço final) e muita criação de um mundo ficcional descrito com laivos de historicismo.

Por fim, *Lugar de Mulher É na Cozinha* (Internet ou a WWW ou São Paulo mesmo: Writers, 2000, 134 págs., sem ISBN) não se encontra em livrarias, mas em busca de proteína a gente anda mais de 100 quilômetros e come até tanajura... A antologia é editada por Martha Argel e traz doze contos de autoras nacionais, o que já lhe garante um lugar na história da FC brasileira. Dos doze, onze contos mereceriam algum nível de revisão e aprofundamento, porém, e alguns deles são bastante problemáticos — inclusive aquele que testemunha a presença de Nilza Amaral (que escreveu alguma FC na década de 1980) ainda entre nós. Como talvez seria de se esperar, há pouca FC e mais fantasia e fantástico literário (com alguma coisa na linha de Poe). Poucos são, também, aqueles que, como o título sugeriria, dedicam-se a contestar o estereótipo. Um exemplo talvez seja a aventura humorística de Martha, "Vidinha Caseira", mas com resultados ambíguos. Os meus favoritos são "A seu Serviço, Senhor", de Mariana Albuquerque, e "Cozinhas São Brancas", de Fernanda Bohm. O restante está bem abaixo da média. O livro só pode ser adquirido pelo site da editora, em: www.writers.com.br. Bom apetite.

The Wind from Nowhere (por Roberto de Sousa Causo)

J. G. Ballard. London: Penguin Books, 1974 [1962], 186 páginas.

Antes de ser o J. G. Ballard que conhecemos — aquele que é pedra fundamental do movimento New Wave e escritor pós-modernista de penetração junto ao *mainstream* — Ballard escreveu este romance-curto para o mercado norte-americano, *The Wind from Nowhere*, publicado originalmente em 1962. Dizem que o escreveu em uma noite, e que os rendimentos que os resultaram do livro permitiram que ele se dedicasse à literatura em tempo integral.

O romance segue a trajetória de dois personagens — o inglês Maitland e o americano Layon —, até que eles se reúnem ao final. O contexto é o de um aumento radical da velocidade dos ventos no mundo todo, um gigantesco furacão planetário que está, aos poucos, varrendo literalmente a civilização da face da Terra.

Ballard dá substância científica à sua especulação apocalíptica. Histórias de fim de mundo, aliás, são fortemente associadas à FC inglesa, desde *The Last Man* (1826), de Mary Shelley. Outro inglês, Sir Arthur Conan Doyle, escreveu *O Veneno Cósmico* ou *A Nuvem da Morte (The Poison Belt)* em 1913; uma aventura do Prof. Challenger. Depois temos *O Dia das Trífides (The Day of the Triffids)*, de John Wyndham, em 1951. O romance curto de Ballard não deixa de ser uma interessante variação.

Os personagens têm a sua dimensão interior apenas esboçada, mas para compensar a cadência narrativa é sempre mantida, sem tropeçar em momento algum. O único aspecto "experimental" (algo que os leitores viriam a esperar sempre da parte de Ballard, no futuro) são curtos fragmentos em itálico, ao final de cada capítulo, mostrando (e não contando), de maneira apartada da narrativa central, a construção de uma imensa pirâmide de concreto. O artefato aparece na seqüência final, como o engenhoso abrigo montado por um magnata excêntrico (para dizer o mínimo), e que lhe permitiria sobreviver ao fim do mundo, para emergir como a única figura de poder. Os heróis chegam até ele, e são obrigados a ouvir a sua variação do discurso darwinista social. Tudo isso é meio pro forma e o milionário em questão é mais uma *stock figure* própria da época — oposição esquemática ao trajeto dos heróis, como um Dr. No nas aventuras de James Bond.

A situação final, porém, amplia o contexto apocalíptico do descrito no desenrolar do livro — que tem imagens desconcertantes, como o instante em que um dos heróis tenta convencer uma ex-namorada a procurar abrigo com ele, mas ela, desorientada, afasta-se de uma das paredes do seu apartamento e é imediatamente lançada aos ares, através de das janelas.

O clímax surge no momento exato, prefigurando o alívio derradeiro — os ventos atingem o seu pico. Agora só lhes resta retroceder, dando um novo fôlego à vida na Terra.

Em novembro de 2000 o Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona trouxe do Centro Georges Pompidou de Paris a exposição "Arte e Tempo", mostrando como a humanidade pensou o tempo ao longo da história através da arte, ciência e tecnologia. Na mesma época, no outro lado do Atlântico, na Casa da Matriz do Rio de Janeiro um evento trazia nova luz sobre uma das maneiras mais instigantes desenvolvidas pelo homem para trabalhar o conceito de tempo: contar histórias de viagens no tempo. Na segunda edição do projeto "Pulsares", dessa vez voltado ao tema "Ficção Científica no Brasil", lançou-se o livro "Intempol — Uma Antologia sobre Viagens no Tempo".

Organizada pelo escritor e designer gráfico carioca Octavio Aragão e publicada pela Ano-Luz, de São Caetano do Sul, trata-se da terceira antologia temática da Editora (precedida por "Outras Copas, Outros Mundos", de 1998, e "Phantastica Brasileira", também de 2000) e a primeira a desfrutar de uma capa e contracapa atraentes, de uma coletânea de ficção curta sem nenhum conto entediante e a aproveitar o talento de escritores desvinculados do campo de incidência da ficção científica e do terror. Peca, porém, pelos erros de edição, maiores em relação às antologias anteriores da Ano-Luz. "Intempol" conta com prefácio do articulista de "O Globo", o jornalista Arthur Dapieve, e constitui-se de nove histórias cujas tramas orbitam em torno de uma abordagem nem um pouco politicamente correta do que seria um aparelho de controle do *continuum* espaço-temporal, aos olhos dos oito autores (Lúcio Manfredi, Jorge Nunes, Osmarco Valladão, Carlos Orsi Martinho, Gerson Lodi-Ribeiro, Paulo Elache e Fábio Fernandes, além do próprio Octavio).

Se tivéssemos de definir em uma palavra essa obra, o substantivo *pluralismo* seria a melhor opção. Nela há terreno fértil para a *FC hard e soft*, o gênero policial *noir e hard-boiled*, o horror *lovecraftiano*, os *doppelgängers*, a história alternativa, o lirismo, o humor, o épico, o *pulp*, a sátira e a metaficção. Incorpora-se ao universo intempoliano não só elementos literários mas também da cultura popular, do cinema, da música, da ciência e das histórias em quadrinhos. Conseqüência natural, consegue-se no livro "Intempol" contemplar o gosto de públicos diversos, de mentalidades e interesses distintos. Reflexo do *approach* polivalente e multimídia a que se propõe o projeto Intempol desde sua concepção, em meados de 1998, por Octavio Aragão, auxiliado na idealização da sua vertente ficcional pelo jornalista e autor teatral Fábio Fernandes e no esboço da sua vocação extraliterária pelo publicitário Rafael Peixoto.

O primeiro trabalho do livro "Intempol", "O Homem que Nunca Existiu", exerce papel talhado para uma história curta como essa desempenhar numa antologia de contos temática: o de ser um aperitivo, apresentando uma breve noção do universo destrinchado, desmontado e remontado nas páginas dos contos posteriores. O miniconto retrabalha o paradoxo temporal do avô. Embora o argumento de "O Homem que Nunca Existiu" seja lugar-comum nas histórias de viagens no tempo, explorado *en passant* pelo roteirista Lúcio Manfredi sem inovar nem acrescentar muito, seu estilo enseja vontade de ler e relê-lo com atenção, visando a cotejar melhor ou de forma diferente a maestria na construção das frases salpicadas de figuras de linguagem bem-dosadas. O autor faz a superficialidade conspirar a favor da antologia. Ao relevar quase nada sobre o universo da Intempol®, "O Homem que Nunca Existiu" catapulta a curiosidade latente de se desvendar esse mundo e responder às perguntas deixadas no ar.

Perguntas que começam a ser respondidas na história seguinte, "Eu Matei Paolo Rossi", na qual a existência da Polícia Internacional do Tempo se torna palpável, bem como as regras anárquicas a nortearem o caótico universo em expansão abarcado pelas atividades da Empresa. Uma noveleta despreziosa, de estilo despojado, hábil em misturar a paixão do brasileiro por futebol com a fantasia de todo moleque de um dia de repente mergulhar de cabeça numa grande aventura onde o destino da nossa nação está em jogo, arrancando do leitor adulto lembranças de sonhos de heroísmo juvenil escondidos no fundo do baú. Tanto a versão publicada na primeira antologia temática da Ano-Luz, "Outras Copas, Outros Mundos", quanto a atual versão de "Eu Matei Paolo Rossi" são o contrário do que se espera de um conto de ficção científica brasileira. Paulo Carvalho, o narrador-personagem da noveleta de Octavio Aragão, conquista a simpatia e a complacência do leitor usando uma tática simples, mas pouco comum na FCB: dúvida da veracidade e da plausibilidade da própria história que conta. A partir do momento em que o protagonista não se leva a sério, cai nas graças do público com sua cara-de-pau adolescente, auto-indulgência bem-humorada e zombaria de velhos clichês da FC, da cultura brasileira e do mundo pop.

O "Furacão Marilyn" conta a história de Giacomo, um agente de campo da Intempol à Don Juan o qual põe em risco a existência da Empresa e do contínuo espaço-temporal ao empreender uma engenhosa manobra para conquistar o coração do maior símbolo sexual do século XX. Conto originalmente publicado no fanzine "Megalon", trouxe a lume Macedo & Sobrinho, a atrapalhada dupla de agentes intempolianos saídos da mente do jornalista Jorge Nunes para povoar as aventuras presentes nessa antologia (a exemplo da novela de Fábio Fernandes, "A Vingança da Ampulheta", e da noveleta de Octavio Aragão, "Um Museu de Velhas Novidades") ou ainda inéditas (como os contos "Truco!", de Paulo Elache; "Transversal do Tempo", de Fernandes e "O Ovo e a Galinha", do próprio Jorge), um dos pilares da mitologia desse universo ficcional compartilhado, o primeiro da literatura fantástica nacional. Tal qual "Eu Matei Paolo Rossi", "A Mortífera Maldição da Múmia" e "The Long Yesterday", o conto de Jorge Nunes brinca com (e tira sarro de) estereótipos e clichês populares, neste caso, a versão brasileira do *Latin lover* e a biografia mitificada de Marilyn Monroe. Mesmo empregando recursos semelhantes aos das histórias de Aragão, Martinho e Valladão, respectivamente, o resultado é diferente. Ao contrário dos personagens Paulo Carvalho, James Lacroix e Lace O'Malley, o protagonista de "O Furacão Marilyn" não inspira muita empatia. Parece sempre encarnar um papel de prepotência ou rabugice. Resultado: diminui a graça das piadas e o espaço para o leitor estabelecer um vínculo, identificar-se com Giacomo.

"The Long Yesterday" inaugura as aventuras *noir* do designer gráfico Osmarco Valladão, aprofundadas nos trabalhos "Mau Yee" (a história de maior fôlego da "Antologia da Revista Quark", publicada na Internet recentemente pela Editora Writers) e "Um Cara Decente" (inédito, oficinado na lista de discussão da Oficina Literária da Intempol). Protagonizados pelo detetive particular norte-americano de ascendência irlandesa Lace O'Malley, esses contos se baseiam tanto na admiração de Osmarco pelos romances de Raymond Chandler e Dashiell Hammet quanto em sua visão jocosa acerca da Califórnia retratada pelos filmes policiais da época áurea de Hollywood. Em "The Long Yesterday", O'Malley, enfrentando a surrealista situação de assassinar seis vezes a mesma pessoa e receber notícias de sua ex-namorada de trinta e cinco anos à frente do seu presente, depara-se com a existência da Empresa pela primeira vez e toma conhecimento de suas próprias ligações com as operações perpetradas pela Intempol.

"A Mortífera Maldição da Múmia" demonstra o fascínio de Carlos Orsi Martinho pela África do Norte, já patente em trabalhos anteriores publicados pela Ano-Luz — "As Dez Torres de Sangue" (Coleção Fantástica, 1999) e "O Planeta Vermelho", conto integrante da coletânea "O Mal de um Homem" (Coleção Terra Incognita, 2000) — onde, assim como na história selecionada para a antologia intempoliana, o autor funde o mito de Cthulhu com o gênero *pulp* e os cenários típicos daquela região do continente africano. Com a diferença de que em "A Mortífera Maldição da Múmia" vai-se além, associando-se esses três aspectos ao universo intempoliano e a um humor leve, raridade na ficção de Martinho, emulando o estilo das chanchadas da Atlântida. Em "A Mortífera Maldição..." entra em cena o Departamento M (*eme* de mistério), a secreta divisão da Empresa encarregada dos casos enquadrados no âmbito das ciências ocultas. Designado pelo Departamento M, o agente de campo James Lacroix vai à Casablanca à época da Segunda Guerra Mundial evitar que os nazistas, mal-e-mal camuflados pelo fantoche regime de Vichy do marechal Pétain, mergulhem a bela princesa Ananka no óleo de tana para a reencarnação da summa sacerdotisa Anh-Ankh-Ah e virem o *continuum* de cabeça para baixo. No entanto, essa é apenas a ponta do iceberg, o qual inclui o faraó Nephren-Ka, na verdade um renegado membro da "Grande Raça" dos feiticeiros yithianos, povo de poderes telepáticos que dominou a Terra milhares de anos antes do surgimento do *homo sapiens* e voltará a dominá-la milhares de anos após sua extinção, e um improvável parceiro de Lacroix, outro yithiano, este dotado de um senso de humor peculiar daqueles seres racionais, crentes absolutos de que desfrutaram de uma evolução superior — qualquer semelhança com um oficial de ciências de orelhas pontudas é mera gozação.

"Um Museu de Velhas Novidades" traz de volta a prosa de Octavio Aragão com um estilo mais maduro, narração sóbria, humor menos gratuito e frases mais buriladas. Nessa noveleta o comissário Guimarães e o agente Valladão se deparam com um caso esdrúxulo até para funcionários de uma empresa de segurança espaço-temporal. Mr. Payne, um dos grandes acionistas da Intempol, diretor da multinacional Meggido Incorporated (especializada na produção, refinamento e distribuição de estupefacientes) vai à sede da Empresa requisitar a solução de um problema ligado à Meggido Mars, responsável pela seção de cobrança da multinacional paladina do tráfico de drogas. Um cliente carioca da Meggido deve a ela a "bagatela" de \$ 1.013.300,00. Trata-se de Roberto Luis Savarinni, artista gráfico que vai ao fundo do poço após a popularização de uma máquina que permite a qualquer um projetar uma imagem diretamente da sua mente para um retocador fotográfico. Desempregado, absolutamente liso e drogado, com a família desestruturada e devendo à Meggido até o pescoço, Roberto tenta se suicidar ingerindo quantidade monstruosa de uma droga experimental da Meggido, alcinhada com o sugestivo nome de *Graal*, a qual o leva a ficar preso no mesmo espaço temporal indefinidamente, vivendo no decurso de três anos a repetição de um mesmo dia. Coincidência irônica, é o dia da cobrança.

Poético e lírico, "Saviana" é um belo paradoxo. Se me permitem o jogo de palavras, é uma grande história de FC sem ser uma história de FC. Apesar de ser um dos melhores contos de uma antologia sobre viagens no tempo, essa história tem pouco (ou nada) a ver com a FC. Pelo menos com a visão tradicional do que é (ou deve ser) uma história rotulada de ficção científica. Confirma a teoria de que para escrever boa FC é mais importante se preocupar em fazer boa literatura do que em fazer boa FC. Ou seja, melhor gastar energia criativa em contar uma boa história do que em perder tempo verificando se ela está ou não de acordo com o figurino, em consonância com o rótulo. "Saviana" revela um Jorge Nunes hábil em construir personagens enternecedores e, para usar um manjado porém apropriado chavão, tocar fundo na alma do leitor. Sem fazer uso da violência, do humor ou de tramas sofisticadas, é um conto *sui generis* dentre as histórias da Intempol, o que lhe dá um brilho especial.

"Questão de Ponto de Vista" retoma a marca registrada do livro "Intempol" — o jeitinho brasileiro de misturar, recontar, reciclar e divertidamente achincalhar clichês de outras temporadas, mesclando comédia pastelão com viagens no tempo, eus duplos, o paradoxo do avô, *tecnobabble* da FC *hard* e ligeiras reminiscências dos homens de preto do filme "M. I. B.", o qual, junto com a patrulha temporal de Paul Anderson e as polícias brasileiras, serviu de inspiração para a construção do universo intempoliano. O conto de Paulo Elache se prejudica pela brevidade excessiva, dificultando um pouco o leitor acompanhar e compreender o concatenamento do *plot* e tornando a caracterização psicológica dos personagens superficial, e se distingue dos demais por ser a única história do livro de fato voltada à ficção científica densa.

Com "A Vingança da Ampulheta" chega-se ao clímax do livro, quando o leitor é convidado a conhecer em detalhes a estrutura e hierarquia da Empresa, suas regras e idiosincrasias por meio de uma aventura épica elencando as Intempols das mais variadas linhas temporais, em conflito com um homínideo capaz de pôr abaixo não só as empresas de segurança espaço-temporal como também a humanidade de forma geral e irrestrita. Um dos trabalhos essenciais da antologia, a novela de Fábio Fernandes conta com diálogos afiados na medida certa. Da obra "Intempol" essa é a ficção que mais despendeu de referências metaficcional e absorveu a totalidade dos diversos elementos literários e extraliterários nos quais está alicerçado o universo intempoliano.

Embora a extensão da história não seja condizente com a dimensão ideal esperada de um trabalho integrante de uma antologia de contos, "A Vingança da Ampulheta" cumpre a ousada função de explorar o máximo possível, dentro dos limites impostos pelo tamanho do livro, o potencial criativo da diversidade de influências das quais se abastece a Intempol. Uma história das proporções de "A Vingança da Ampulheta" merece ser ampliada num romance ou sucedida por uma continuação à altura. É o que promete outro trabalho de Fábio, "A Revanche da Ampulheta", programado para sair pela Coleção Terra Incognita em meados de 2001.

"São os Deuses Crononautas?" finaliza a incursão pelos corredores da Empresa como o ato de cortar uma cebola, revelando camadas dentro de camadas e surpreendendo o leitor, o qual dava por certo que as surpresas tinham acabado em "A Vingança da Ampulheta". A partir do conto de Gerson Lodi-Ribeiro se abre um precedente importante: a abrangência do universo envolvido pela Intempol passa a englobar qualquer mundo ficcional ou real que se queira fagocitar numa aventura intempoliana.

Finda-se o livro com "O Homem que Nunca Existiu — Parte II". Apesar do miniconto ser inferior à outra história de Lúcio Manfredi, ele consegue, ao fechar a antologia, dar a bela impressão de que se completa um ciclo e de que há uma circularidade presente na obra "Intempol" a envolver e fascinar públicos de gostos ecléticos e, às vezes, pouco correlatos.

FILME: O 6º Dia (por João Barreiros)

Fui ontem ver o filme de FC, O 6º DIA, sobre os horrores da clonagem. Bom. Será preciso dizer mais? Não sentem já uma gotinha de suor a perlar-vos as têmporas? Um vago e incómodo arrepio? Também era de esperar... desde quando é que um bom filme de FC aparece nos quadros hollywoodescos de megaorçamentos? Nunca, pois não? Ok. Aqui vai.

Uma Corporação malvada que clona os seus próprios membros quando estes morrem em acidentes. Clonagem rápida, pouco mais do que algumas horas, a partir de embriões de corpos adultos mas neutros nos quais é introduzido o ADN do indivíduo a clonar. Quanto às memórias estas são retiradas do original através de um processo de *syncron-brain/scan* que dura apenas segundos através do nervo óptico. As memórias podem ser transferidas do dador para o clone num espaço de 12 horas após a morte, antes que o ácido desoxirribonucleico onde elas estão gravadas comece a degenerar. Um *scan* do cérebro a partir do nervo óptico, perguntam vocês? Como assim? E perguntam bem. Feito apenas em alguns segundos? Hum... Lembrem-se, crianças, que o filme dura hora e meia e que portanto essas mariquices de *scanear* o cérebro durante hoas ou dias a fio é bom prós livros de FC, não para filmes como este. O processo é aliás semelhante ao que aparece nos livros do Varley no ciclo dos Sete Planetas. Mas aí, quando uma pessoa morre, o seguro activa um dos clones em *standby* e grava-lhe as últimas das memórias que o original processou quando foi actualizar a apólice. No Varley toda a gente se clona. Toda a gente é teóricamente imortal. Nope para o 6º Dia. Só os ricos, malvados e poderosos. Ah, e os *killers*, que morrem que nem tordos mas voltam à vida na hora seguinte. E o nosso Schwartznigger, piloto contratado, troca de lugar com o colega para transportar um dos bigs da companhia. E acontece que o colega é morto, os bigs são assassinados por um ultra reaçã defensor da anticlonagem, (*BANG; BANG, take this you dirty bastard*). No problema. Os bigs são de novo duplicados, o Schwartz é duplicado sem que eles percebam que houve trocas de serviços entre os dois pilotos amigos. OOOOPS!! Ganda bronca. Dois Shwartzs na ribalta. Ganda problema para a família, agora com dois papás iguaizinhos. Ganda problema para a Companhia que assim vê revelada uma tecnologia que em princípio se deveria manter secreta. Toca de mandar *killers* dar cabo do duplo ilegal, proibidíssimo por tudo o que é Lei Governamental. Mas o *good'ol Shwartzie* é duro de roer. Limpa o sarampo aos *killers* que logo regressam clonados, com as memórias da própria morte, cheios de ressentimentozinhos, os ingratos. BANG; BANG. Shwartzie une-se ao seu duplo para se vingar e limpa-lhes o sarampo outra vez. BANG, BANG. Os chefões são malvados como o raio. Tem os olhos a brilhar de cobiça, ainda por cima com óculos, num mundo onde os transplantes são coisa comum. Céus, já não há operações laser à retina? Ou agora é chique ser-se chefe, malvado e miope? Hum... Os cientistas responsáveis revoltam-se contra os chefões e...BANG, BANG, são também clonados para aprenderem quanto custa a vida. E depois, até ao final do filme onde TUDO É DESTRUÍDO e onde os nossos amigos andam a espezinhar clones embriónicos às pilhas: **BANG, BANG, CRASH, ZIIIP, PAF, PUM, PAN, PIMBA, take this you dirty bastard, queres de mão aberta ou fechada, slurp, slurp... ai, que o malandro do clone anda nu fuckyfucky com a minha mulher... ah, que importa, o meu clone sou eu ...**

Confusos? Ok. Ponto final. Para não vos aborrecer mais, fiquem sabendo que os malvados tiveram todos uma morte horrível. O mau clone até pisou o seu próprio original, de tão malvado que era. O edifício da Companhia ardeu, acabaram-se os transplantes renais para quem deles necessitasse, triunfaram os manifestantes anti-clones e o duplo Shwartzie, para que as regras da unidade familiar permaneçam, desvanece-se nas sombras e vai voar helicópteros para a Pantagónia.

THE END.

E depois queixam-se que a FC anda mal. Pudera... se só há isto para se ver. Pistolas com micromísseis que deixam rastros luminosos, mas que não acertam uma. Será que ninguém ouviu falar de miras laser e misseis biotrópicos? Nope. Os disparos servem para furar paredes e dar cabo de laboratório quando falham o alvo. É sempre assim. Tristes tristezas.

A única graça do filme. O velho Shwartzie diz a páginas tantas: "I MIGHT BE BACK !"

Anãs Marrons: Planetas Gigantes ou Micro-Estrelas?

As estrelas que vemos no céu noturno brilham por causa das reações termonucleares auto-sustentadas que ocorrem em seus âmagos. Essas reações liberam vastas quantidades de energia fundindo átomos leves em outros mais pesados. A reação de fusão nuclear mais importante, aquela que libera mais energia e que mantém o brilho constante das estrelas por bilhões de anos é a fusão do hidrogênio em hélio. Além de proporcionar esse fulgor contínuo de bilhões de anos, a energia da fusão nuclear é responsável pelo estabelecimento de um estado de equilíbrio que caracteriza as estrelas durante a maior parte de suas vidas como astros radiantes. Trata-se do equilíbrio entre duas forças tremendas: a pressão da radiação, que tenta dispersar os átomos e camadas da estrela para fora, e a pressão gravitacional, que tenta comprimir a estrela de fora para dentro em direção a seu centro de massa.

A fusão do hidrogênio ocorre no interior de todas as estrelas normais. Contudo, para que a reação se inicie, o núcleo da protoestrela precisa atingir uma temperatura mínima de 3 milhões de °K. A temperatura do núcleo estelar é proporcional à pressão gravitacional e, portanto, aumenta com a massa. Assim, astros pouco maciços jamais atingirão temperaturas elevadas o bastante para disparar a ignição nuclear. A massa mínima necessária para que uma protoestrela se transforme num astro radiante é de 0,07 massas solares (MS), o que equivale a 75 vezes a massa do planeta Júpiter (MJ).

Existem, contudo, corpos celestes muito mais maciços do que os planetas gigantes gasosos, mas não tão maciços a ponto de se tornarem estrelas. Esses corpos foram batizados *anãs marrons*. Num certo sentido, anãs marrons são estrelas fracassadas, objetos que, embora mais maciços do que um supergigante gasoso, não atingiram a massa necessária para disparar a fusão nuclear do hidrogênio.

Desde a década de 1960, as anãs marrons têm sido consideradas uma espécie de "elo perdido" da evolução estelar. Corpos celestes de massa intermediária, maior do que a dos supergigantes gasosos e menor que a das menores estrelas anãs. Como todo elo perdido que se preza, as anãs marrons foram previstas pelas teorias, mas jamais encontradas na vida real. O próprio nome "anã marrom" não é lá muito apropriado. Afinal, devido a sua temperatura superficial, esse objeto hipotético devia ser vermelho e não marrom. O nome "anã vermelha", contudo, já é utilizado pela astrofísica para se referir a estrelas de tipos espectrais M e massas inferiores a 0,5 MS.

Em 1995, surgiu afinal a primeira prova irrefutável da existência das anãs marrons. De lá para cá, dezenas de novos objetos foram detectados e os astrônomos começaram a formular uma série de questões: Quantas anãs marrons existem? Como suas massas se distribuem? Há uma distribuição contínua de objetos astrofísicos, desde os gigantes gasosos jupiterianos até as estrelas? E todos esses objetos se originam do mesmo modo?

Como as anãs marrons são objetos extremamente pálidos, que emitem a maior parte de sua radiação nas faixas do infravermelho, para detectá-las os astrônomos aplicaram a mesma metodologia que havia sido bem sucedida na detecção dos gigantes gasosos orbitantes em torno de outras estrelas. Esse método não implica observação direta do planeta extra-solar, mas em inferir a existência dos mesmos a partir do estudo das perturbações nos movimentos das estrelas em torno das quais esses astros orbitam. Imaginou-se que seria mais fácil detectar anãs marrons do que planetas extra-solares desta forma, pelo fato das anãs marrons serem mais maciças. Contudo, o método não apresentou resultados conclusivos. Como a análise das perturbações gravitacionais só permite estabelecer um limite mínimo para a massa do objeto orbitante, é difícil determinar se este é de fato um supergigante gasoso, uma anã marrom ou uma estrela anã. A falta de resultados concretos levou alguns cientistas a questionar se as anãs marrons não seriam mais raras do que se pensava a princípio.

Em 1992, uma equipe de astrofísicos espanhóis propôs um novo método para distinguir estrelas de massa reduzida das anãs marrons: o teste do lítio. Este teste se baseia no fato de que objetos com massa inferior a 60 MJ jamais atingem as condições necessárias para sustentar a fusão do lítio em seus âmagos. A fusão nuclear do lítio ocorre numa temperatura um pouco mais baixa que a da fusão do hidrogênio. Como resultado, as estrelas e também as anãs marrons mais maciças, consomem rapidamente o pouco lítio que possuíam na época da formação. Até as estrelas menos maciças já terão consumido todo seu lítio em cerca de cem milhões de anos, ao passo que todas as anãs marrons, exceto as mais maciças, reterão seus átomos de lítio para sempre. Portanto, a presença de lítio num objeto com mais de cem milhões de anos é prova que esse objeto possui massa substelar.

Munidos deste novo método, os astrônomos observaram as linhas espectrais do lítio em vários objetos suspeitos de serem anãs marrons. A primeira anã marrom descoberta pelo teste do lítio foi batizada de PPI-15, por ter sido encontrada nas Plêiades, um aglomerado estelar formado há 120 milhões de anos. Desde então, foram descobertas dezenas de outras anãs marrons, a maioria delas com massas no intervalo 55-60 MJ, o dobro do diâmetro de Júpiter e temperaturas superficiais entre 2000 e 2500 °K.

Em 1995, foram demolidos os últimos vestígios de ceticismo sobre a existência das anãs marrons com a descoberta da Gliese 229B, um objeto orbitante em torno da Gliese 229, uma anã vermelha de 0,3 MS. Através de um método observacional engenhoso, uma equipe de astrônomos do CalTech conseguiu determinar a presença de linhas de metano no espectro da Gliese 229B. Metano é uma substância comum

na atmosfera dos planetas gasosos, mas inexistente na superfície das estrelas, pois a temperatura elevada impede sua formação. Portanto, a presença abundante de metano do espectro de Gliese 229B é prova cabal de que o objeto não é uma estrela. Essa anã marrom possui uma temperatura superficial de apenas 1.000 °K, pois trata-se de um astro antigo, com alguns bilhões de anos de idade. Com massa entre 30 e 40 MJ, Gliese 229B também é menos maciça do que as outras anãs marrons e, sobretudo, é bem menor do que elas, possuindo apenas 90% do diâmetro de Júpiter.

Outra pergunta que se faz é se existe alguma diferença fundamental entre os maiores gigantes gasosos e as menores anãs marrons? A teoria clássica afirma que planetas e estrelas possuem mecanismos de formação diferentes. Como estrelas fracassadas, as anãs marrons compartilhariam do mesmo mecanismo de formação dos demais astros radiantes. O fato das anãs marrons parecerem menos comuns do que os planetas (ao menos dentro dos sistemas estelares), sugere que as duas classes de objetos devam possuir mecanismos de formação distintos.

Uma técnica para distinguir anãs marrons dos planetas gigantes baseia-se na ocorrência presente ou passada de reações de fusão nuclear no interior do objeto estudado. A linha divisória entre planetas e anãs marrons situa-se em cerca de 13 MJ. Acima deste limite, a fusão do deutério se inicia no núcleo do objeto, caracterizando-o como anã marrom. Por outro lado, anãs marrons não são estrelas, pois a fusão de hidrogênio jamais ocorreu em seus âmagos.

Portanto, com 16 MJ, o famoso planeta Mesklin do romance *Mission of Gravity*, de Hal Clement, fundiria deutério em seu núcleo e teria uma temperatura superficial entre 500 e 700 °K, devendo ser considerado antes uma anã marrom do que um gigante gasoso.

A astronomia dispõe hoje de métodos eficazes para detectar anãs marrons. Muitos objetos astrofísicos já foram diagnosticados como anãs marrons. Nos anos vindouros, os astrônomos mapearão a quantidade e a distribuição galáctica desses objetos, bem como suas massas e demais propriedades físicas, assim como a proporção entre anãs marrons que se formam como astros solitários e aquelas nascem dentro dos sistemas estelares.

Bibliografia:

Basri, Gibor: "The Discovery of Brown Dwarfs", *Scientific American*, Vol. 282, No. 4, April 2000.
Jaschek, Carlos & Mercedes Jaschek: *The Classification of Stars*. Cambridge University Press (1987), New York [ISBN 0.521.26773.0]

Artigo

A Última Utopia

por Ataíde Tartari

Este artigo acabou não sendo publicado no Jornal da Tarde, do qual o Ataíde é colunista bissexto. Foi sorte. Lá no jornal ele iria ter o mesmo destino de tantos outros textos interessantes, que uma vez lidos encerram a carreira melancolicamente, embrulhando peixes. Publicado aqui, ele vai durar bem mais e seguramente será poupado do triste destino jornalístico, mesmo porque no máximo mal daria para embrulhar um lambari. E ele merece mesmo um destino mais nobre, é um verdadeiro "tour de force" que resume em poucas linhas os três cartapácios do KSR, ressaltando o que eles têm de mais interessante: a descrição da organização social marciana.

Com o fim da história decretado antes que o século anterior terminasse, que proposta social romperia a barreira do terceiro milênio? A insatisfação e o questionamento social, que vêm nos acompanhando desde que nossos ancestrais organizaram a primeira tribo, continuam presentes. No entanto, propostas inovadoras para alterar crenças, leis e formas de governo pararam de ser criadas ou perderam toda a credibilidade.

Essa ausência de idéias revolucionárias num ambiente de liberdade de expressão é inédita. Nos registros históricos que conseguiram sobreviver à própria História, vemos como os filósofos da Grécia clássica já questionavam as maneiras como nos relacionamos uns com os outros e propunham formas ideais de organização social. O pensamento político helênico, preservado em obras como *A República* e *As Leis* de Platão, continua a nos inspirar.

Após um longo hiato onde o pensamento político, a não ser para papas e bispos, era herético, tivemos o renascimento das ciências sociais e políticas. Locke, Montesquieu, enciclopedistas, iluministas, fisiocratas, todos se puseram a pensar em formas mais agradáveis de se viver em sociedade. Os resultados práticos dessas novas propostas, de certa forma diluídas por interesses nada cívicos, puderam ser vistas nas revoluções européias e principalmente na formação das colônias inglesas do Novo Mundo.

Enquanto isso, novas idéias continuavam surgindo e sendo postas em prática. Reagindo à propriedade privada, noção defendida desde *As Leis* de Platão, várias propostas coletivistas foram elaboradas. O resultado prático desastroso, porém, encerrou sua breve carreira e nos projetou ao assim-chamado fim da história.

Durante todos esses milênios, as propostas de avanço social não surgiram apenas na forma de tratados e manifestos, mas também em romances utópicos. *Utopia* de Thomas Morus é o que mais facilmente lembramos, mas há um gênero literário em especial, a ficção especulativa, que no último século ocupou-se justamente de especular sobre realidades diferentes da nossa, seja no presente, no futuro ou em um passado "alternativo".

Apesar de os mais notórios romances deste gênero serem, como *1984* de Orwell e *Admirável Mundo Novo* de Huxley, distopias que acabam nos deixando mais conformados com a presente realidade, e muitos outros recorrerem a idealizações místicas para criar o Novo Homem, alguns autores ainda tentam elaborar propostas sociais realistas. Talvez a mais ambiciosa obra especulativa recente seja a história da criação de uma nova sociedade em Marte, escrita por Kim Stanley Robinson.

Ainda inédito no Brasil, este romance em três volumes que totalizam quase duas mil páginas, descreve de uma maneira que podemos chamar de cientificamente realista o que seria, ou será, a vida em nossas futuras colônias em Marte. Em seu primeiro volume, *Red Mars* (Marte Vermelho), Robinson descreve basicamente o período de formação de uma colônia. Cem colonos previamente selecionados passam por uma fase de treinamento na Antártida antes de embarcarem numa nave para Marte, o novo Novo Mundo do século 21. Idealistas, seus líderes vêem a colônia como uma oportunidade de incorporar as melhores idéias de organização social concebidas na velha Terra. O próprio grupo original de colonos, porém, logo entra em conflito, dividindo-se em facções.

Outro conflito que pouco difere do que já vimos nesse mundo é a luta pela posse e comando dos novos territórios entre os governos nacionais e o que Robinson chama de Corporações Transnacionais. Tais corporações, responsáveis pelo financiamento de boa parte das operações no planeta, obviamente acabam sendo proprietárias de quase tudo o que lá se encontra.

O que aparentemente é uma proposta inovadora é a assim-chamada Eco-Economia. Pouco descrita em *Red Mars*, a proposta é melhor desenvolvida em *Green Mars* (Marte Verde), o segundo volume da trilogia. Uma substância química — ou, em outras palavras, uma mercadoria —, peróxido de hidrogênio, é usada como moeda de troca, enquanto produtos e serviços são avaliados de acordo com seu valor energético. Mais curiosa ainda é a "taxa de juros reversa": se você não usar — ou seja, se você quiser poupar — o que ganhou, sua poupança será liberada na atmosfera como nitrogênio, gás em falta no ecossistema marciano.

Apesar de todo o linguajar ecológico, a proposta de Robinson não difere muito do que seria um retorno à economia de escambo da antiguidade. Não é preciso ser Alan Greenspan para saber o potencial catastrófico dessa regressão. Por outro lado, há um componente claramente socialista na eco-economia de Robinson, uma vez que, além de todas as coisas terem seu preço ancorado apenas ao número de calorias, tudo aquilo que você ganhar acima de suas necessidades "evaporará" na forma de nitrogênio. Não há como acumular capital. Seguindo a mesma linha política, toda a terra do planeta é propriedade coletiva.

Uma boa parte do terceiro volume, *Blue Mars* (Marte Azul), é dedicada à luta pela independência da metrópole terráquea e à longa discussão sobre como redigir a melhor constituição para a nova sociedade. Tudo obvia e claramente baseado na experiência da fundação dos Estados Unidos, pátria de Robinson. Assim sendo, boa parte do tempo, e das páginas, é gasta com a questão da necessidade de um governo federal — *global*, no caso — versus a autonomia de cada uma das colônias. A eco-economia, que ao menos na ficção funciona como um relógio, é institucionalizada na Carta Magna. As empresas são limitadas em tamanho e administradas como cooperativas onde todos os empregados são igualmente proprietários.

Na parte dedicada à formação do governo de Marte, vemos algumas variações. O poder judiciário é privilegiado com a inclusão de tribunais econômicos e ambientais, e tanto os juízes quanto os parlamentares do Legislativo podem, assim como nossos reservistas do exército, ser *convocados* a exercer a função cívica. No poder executivo, ao invés de um presidente ou primeiro-ministro, Marte tem um comitê de sete membros escolhidos pelo Legislativo. A semelhança com o executivo da Suíça pode não ser casual, já que Robinson trabalhou por algum tempo neste país ao lado de sua esposa, uma especialista em química ambiental.

Talvez o problema com todas as sociedades idealizadas, desde a *República* de Platão até Marte de Robinson, seja o anacronismo imposto pelo rápido avanço tecnológico. Dos tempos de Platão até a Revolução Industrial, a sociedade era agrária e seria basicamente imutável se não fosse pela guerra, luta por poder e difusão de novas crenças. Hoje em dia, como é o progresso tecnológico que impõe mudanças à sociedade, o avanço das propostas sociais se resume a novas técnicas de apagar focos de incêndio.

Se o fim da história for a constatação dessa impotência intelectual e política, é possível que a, digamos, pós-história fique limitada à narrativa da evolução da tecnologia e do que a humanidade fez com ela e vice-versa. Como as perspectivas são de que ela continue evoluindo numa progressão geométrica, em algumas décadas pouco restará da mais sólida das instituições políticas. A própria idéia de colonização, fundamento da trilogia marciana de Robinson, já se tornou anacrônica. Conquistas territoriais em geral estão perdendo a razão de ser. Sociedades com governos caros estão sendo abandonadas. Comércio e justiça sem fronteiras tornaram-se necessidades básicas.

Kim Stanley Robinson pode ter empregado o que há de mais novo no conhecimento científico para escrever seu romance, mas baseou-se em idéias condenadas ao anacronismo para criar sua sociedade ideal. O futuro já chegou, e atropelou todo tipo de idealismo.

Textos Encontrados numa Lista

As Listas de Discussão na Internet tornaram-se um dos mecanismos mais acessíveis e democráticos para a troca de idéias entre os adeptos de todo tipo de atividade humana, transpondo as fronteiras físicas, culturais e linguísticas como se elas não existissem. As nossas modestas listas de FC lusófonas são um exemplo perfeito disso, aproximando e enriquecendo as vidas de pessoas que sem elas provavelmente jamais se conheceriam. Entretanto, a sua própria agilidade eletrônica também as condena ao rápido olvido, pondo a perder toda uma rica fonte de idéias interessantes, que cumpre preservar no papel. Daí a idéia de criar esta seção, que visa justamente registrar tópicos de interesse discutidos nas listas de FC.

As opiniões são dos Autores e não refletem necessariamente as do Editor, muito menos as do CLFC

FC na China ?

Começando com a opinião de **Daniel Tércio**:

"O argumento de que a FC portuguesa está a anos-luz da FC anglo-saxónica parte do pressuposto, a meu ver errado, de que o valor do género é proporcional à integração especulativa da investigação de ponta em ciências exactas. Considero antes que o valor do género - refiro-me ao género literário - só pode ser proporcional ao modo inovador e rigoroso como se utiliza o material da escrita: a língua em que se escreve. É certamente sintomático que nesta *mailing list* abunde o "bordão" anglístico, se ignorem os autores portugueses e brasileiros, se recomenda, entre fogo cruzado, os últimos autores anglo-saxónicos dos quais escasseiam traduções. Neste momento, pergunto a mim próprio se o fandom (não o dos *trekkers*, que não são para aqui chamados) não é afinal um dos principais obstáculos ao desenvolvimento do género de ficção científica portuguesa. Se vos dá gozo classificar a FC em *new-wave*, *steam-punk*, *ribofunk*, etc. e declarar preferências, estão no vosso direito; mas não se esqueçam que "é próprio da cultura não poder suportar as borboletas que voam. Não cessará de as perseguir enquanto as não puder imobilizar e etiquetar". (Jean Dubuffet, "Cultura asfíxiante")

E segue com a opinião-réplica de **João Barreiros**:

"E aqui está expressa, como de costume, a opinião que um semi *outsider* faz do género, não como uma relação em si com a obra amada/odiada, mas como a tentativa de defender que sim, existe uma FC lusa escrita em português, e que ela é tão válida como qualquer outra. Se calhar melhor até. Como aquele tipo de fundamentalismo que exige que só se cante em português, que só se vejam filmes portugueses, que só se leia, quando a noite vai alta, os mais belos poemas da literatura portuguesa em detrimento de todos os outros. Ok. Vamos falar forte e feio --- e contra mim falo, pois eu também escrevi FC. A FC portuguesa está mesmo a ANOS-LUZ da FC anglo-saxónica, da FC francesa e direi mesmo da FC germânica e italiana. Eu sei, eu sei, que este comentário vai levantar vozes indignadas, mas também sei que é posição do Daniel Tercio, que escreveu as linhas acima reproduzidas, que não é preciso ler-se FC para se escrever FC. Wrong. E é este pressuposto terrível, terrível, que o faz considerar que discutir-se FC nas listas é uma actividade pueril. Tão pueril como coleccionar cromos (N.T.: "*figurinhas*") e trocar as raridades repetidas. Até aqui não vejo como trocar o bordão anglístico e criar uma FC Verde/Alface ou uma FC/Feijoada. Algo de genuinamente luso ou brasileiro. Até aqui ainda não consegui pegar num livro de FC portuguesa e dizer "uau", estou fascinado, isto estoizou-me os miolos, quero já escrever uma carta de fã, quero lambar as botinas deste autor, servir-lhe o café e outras perversões que ele me exigir que eu faça. Não encontrei porque, consoante os diferentes graus de puerilidade, a acho enfadonha, repetitiva, simplista, errónea, infodumpica, e descobridora da roda, não da roda *hi-tech*, mas daquela ainda de madeira, frágil, sem estar protegida por um aro de metal. Escrita de amador. Total esquecimento do *plot*. Total incapacidade de ousar quebrar os limites. Banalidades. Tédio. Sono. E não se esqueçam da metáfora da borboleta acima citada. Wrong outra vez. Os termos como steampunk ou outros do género, NÃO foram inventados por académicos, mas sim pelos próprios autores de FC. Céus, Tércio, o termo RIBOFUNK foi Paul de Filippo que o concebeu num livro genial de contos assim chamado. E o mesmo para todos os outros. E se o Daniel Tercio tivesse consultado as páginas maravilhosas da ENCYCLOPEDIA OF FANTASY, do John Clute, verificaria toda uma terminologia inventada para examinar de perto um género dificilmente examinável. Toda uma terminologia de natureza tão criativa, que é ela própria uma obra de ficção, um mecanismo motivador, um despoletador de novas ideias, em vez de ser o tal frasco onde se sufocam borboletas.

Assim, partir do principio que a FC portuguesa é, por natureza livre de classificações, que se pode permitir a todo o disparate, está à partida errada. Se escrevemos FC, o background terá a ver, pelo menos em parte, com as ciências duras ou "softs". Tem mesmo. Há uns anitos atrás ganhou um conto no concurso da Simetria, onde uma espécie extra-terrestre morria ao receber "água" dos terrestres. Morria envenenada. Como se a água fosse diferente aqui e em Tau Ceti. Como se não fosse sempre H2O. (É que no texto não se fazia a menor menção à água estar mesmo envenenada com toxinas. Nope. Era água pura e dura como nós gostamos.) E o conto ganhou o prémio, embora eu berrasse e exclamasse que era um insulto à inteligência.

E o que me disseram foi : "Oh João, a água pode ser diferente na terra deles!". Pois pode. E quem sabe se um dia não inventamos um motor que faça barulho no vácuo, como também já me disseram noutro lado.

Quem escreveu o texto acima citado deve-se ter esquecido do que disse o Charles Brown (o editor da LOCUS) no discurso de despedida num dos Encontros da Simetria. Referia-se ele à sua visita à China e à FC que por lá se faz. Explicou-nos porque é que ela nunca seria publicada nos *states*. Porque era pueril. Porque repetia o que os pulps dos anos 20 já tinham feito melhor. Porque era tósca e mal amanhada. Exemplo que se aplicava à maior parte dos contos da antologia bilingue português/inglês que lhe foi parar às mãos nesse ano. O Charles Brown disse e insistiu que, para se escrever FC--- e para que ela fosse publicada e apreciada --- tínhamos de ser diferentes. E para sermos diferentes, teríamos de conhecer o que já se fez.

Em resumo, para escrever FC é preciso saber e conhecer a FC.

E eis uma dicotomia irremediável. O Daniel Tercio fala da escrita, da linguagem, enfim, do português. Eu falo das "ideias", das "revoluções conceptuais", de um bom plot, que até o próprio Christopher Priest --- um ótimo estilista --- declarou ser o ponto essencial em qualquer bom romance. O estilo virá em segundo lugar. O Daniel Tercio está ainda preso no conceito francês do cinema e da escrita da Nouvelle Vague, onde criar uma boa história se tornou quase num insulto.

E uma vez mais nota-se acima um subtexto terrível. Não estamos aqui para ler por gozo mas para discutir temas sérios. É pueril recomendar livros uns aos outros. É pueril fazer listas temáticas. É pueril, sei lá, escrever um Enciclopédia do género ????. Mas a leitura é, antes de tudo, um prazer. O António Damásio --- famoso neurologista --- diz que a leitura de um bom livro, capaz de gerar no cérebro descargas emocionais e a produção de endorfinas, dá, a quem a sinta, um shoot ainda mais intenso do que aspirar coca através de uma nota de 500 dólares. E se a leitura é um prazer, o prazer é sempre mais intenso quando compartilhado. Passamos do onanismo ao acto de amor. E quando eu cito livros, e vocês sabem que eu o faço vezes sem conta, que inferno, não é para dizer que o livro de um dito "gringo" é melhor do que o livro de um dito português. Recomendando-o porque a intensidade emocional que eu senti ao lê-lo é bem mais intensa do que a água chilra produzida por um tal Aniceto. Recomendando-o porque prefiro bife do lombo a pasta de hamburger.

Numa outra lista brasileira, da qual em tempos participei activamente quiseram a minha pele. Quiseram-na de duas maneiras. Uma, porque disse que o Heinlein me dava calafrios, que detestava o tipo e que nunca tinha conseguido chegar ao fim de nenhum livro dele. Acreditem que houve alguém que quis mesmo processar-me por eu estar a dizer mal de tão garboso mestre. Por outro lado fui acusado de andar a "esnobar" os leitores da lista, recomendando livros em Inglês áqueles que, patrioticamente, só liam em português. Disseram-me mesmo que era um clube de fãs para ler exclusivamente a FC brasileira.

Ok. Arrumei as malinhas virtuais e vi-me embora, que já se fazia tarde.

Uma vez mais insisto, e quem me conhece sabe que é verdade. Tento conhecer a Fc de todo o mundo, seja ela japonesa, alemã, chinesa, francesa, italiana. Abandono as chatezas. Selecciono o melhor (pelo menos para mim). E é esse melhor que vos recomendo. Porque julgo que a minha missão não é defender os meus livros, a FC produzida em Vila Nova dos Moinhos Velhos, mas a boa FC que se produz no mundo inteiro. Felizmente leio em quatro línguas. O que dá muito jeitinho, confesso. Leio por prazer. Leio porque isso me dá pica. Leio noite fora, e aguardo todas as manhãs à porta de casa que chegue o Correio carregado com os pacotes dos meus autores favoritos. E claro que escasseiam traduções. E claro que os novos escritores não conseguem amadurecer, porque até na mediocridade são louvados, pelo simples facto de lerem em português. Mas eu não estou aqui para defender a FC portuguesa ou brasileira, entenda-se. Estou aqui para defender a FC propriamente dita, e já agora, por arrastamento, a literatura fantástica, de horror, etc e tal, esses tais géneros que tanto parecem irritar o Daniel Tercio. Nos últimos encontros da Simetria notou-se bem esta espécie de ausência, voluntária, de nunca citar nada pelos nomes. Vamos fazer uns Encontros de FC onde nunca se fale de FC. Mais vale não citar livros porque as pessoas não os conhecem, João Barreiros. Portanto fala, sei lá, das drogas na FC, mas não te refiras a autores ou obras... Tal e qual como nos meus tempos da Faculdade. Tinha eu proposto fazer um trabalho sobre Literatura Fantástica ao meu professor de FILOSOFIA DA LINGUAGEM, e ele respondeu: "OK, Barreiros. Faz lá isso. Mas não te ponhas a contar histórias..."

Mas porra, porra, porra, se a audiência não conhece os autores citados, então não será esta uma boa altura para o fazerem? As pessoas, ao ouvirem uma história divertida, dirão, que piada, quem foi que escreveu isso, onde é que eu posso encontrar esse livro?

Termino com uma historinha verídica. Estava o Brian Aldiss passeando-se em Cascais, quando foi abordado por uma jornalista a pedir entrevista. O Aldiss disse que sim.

-- O que é a FC? perguntou ela.

-- Você não sabe? retorquiu o Aldiss.

-- Confesso que nunca li nada, respondeu a jornalista a medo.

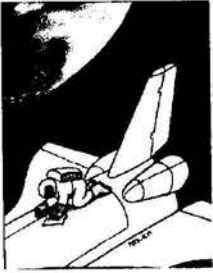
-- E presumo que também não conheça nenhum dos meus livros, prosseguiu o Aldiss.

-- Bom, não...eu... balbuciou a pobrezinha.

Imperioso, o Aldiss apontou com o dedo na direcção da tenda onde havia a Feira do Livro.

-- Então, em vez de perder tempo a fazer-me uma entrevista para a qual você não está de todo habilitada, talvez seja uma boa altura para começar...

E uma pergunta, visto que o anátema já vem de trás... Posso continuar a citar livros? Autores? Correntes? Aborrecem-se por isso? Acham pueril trocar cromos, quero dizer, obras? Ou preferem que eu me cale? Posição essa, aliás, que me dá muito menos trabalho! Que dizes disto tudo SEIXAS, tu que originaste toda esta polémica? E tu, OCTAVIO? Abraços deste vosso Tio que está mais que farto da mesma treta."



A Primavera

por Jorge Candeias

Primavera lá no Hemisfério Norte, no topo da Terra. Para nós aqui no fundo, é Outono. E lá no Espaço, pouco importa. A data é simbólica e é entendida por todos, exceto, sintomaticamente, no país onde tudo começou. Também não importa, o que importa é lembrá-la, mesmo porque certas coisas parecem que jamais irão mudar, por mais que mudem as circunstâncias.

Na sala pequena ouviu-se um bocejo. Um som mole, pegajoso, que se espreguiçava por entre os aparelhos de vigilância, como se fosse uma névoa que como que tornava difusa a luz azulada e fraca que deles provinha. O vigilante fechou os olhos e esfregou-os com força tentando reprimir o embrião de outro bocejo que se lhe ia formando no peito. *Que chatice*, pensou, *já deviam ser horas*. Mas não eram ainda e por isso ele continuou a esfregar olhos que o incomodavam, cansados de fitar écrans azulados, por isso continuou a bocejar, pensando que tinha muito sono, que estava farto, que se ia embora e mandava tudo às urtigas, que se lixasse, pensando pensamentos cinzentos de fim de turno, *que fim tão longo para um turno tão curto, caramba, de onde vieram todas estas comichões, nem eu sabia que se podia coçar tantas zonas diferentes do corpo e o que irrita mais é que elas não param e voltam sempre uma e outra vez voltando a atacar locais já coçados e eu fico farto, farto, farto*.

Na sala pequena ouviu-se um suspiro e a ténue nuvem azulada suspensa no ar abriu-se para deixá-lo passar. O vigilante tirou as mãos dos olhos e abriu-os e quando tentou fitar os visores para cumprir o propósito de se encontrar naquele lugar, o mundo estava baço, desfocado, *merda, não vejo nada*, e pestanejar não adianta, a única coisa a fazer é esfregá-los outra vez, aos olhos, pois claro, que havia de ser? *E as comichões que continuam a azucrinar-me o juízo, e um mal estar que me corre pela coluna abaixo pedindo-me espreguiçadela, ou mais precisamente posição horizontal envolvido no saco-cama da Companhia, merda!, preciso de um café urgentemente, quente, amargo, excitante*. E levantou-se o vigilante da cadeira onde estava sentado, não sem antes tirar as mãos dos olhos, húmidas e pegajosas das ramelas em formação, e de as limpar no peito do macacão cheio de fechos éclair que tinha vestido. Dirigiu-se à máquina de café num salto preguiçoso e sem prestar atenção, meio às apalpadelas, em gestos tornados automáticos pelo uso, encheu de café um balão que seria chávena fumegante se estivessemos na Terra. Mas não estamos, por isso o vigilante segurou o balão pela boca, esguichou-lhe para dentro uma enorme quantidade de adoçante (*que raio, sou guloso, e depois? Não me parece que seja defeito grave, em especial se pensarmos na porcaria de trabalho que tenho. O que vale é ser bem pago, porque senão, pfft*) e voaram mil gotículas de café, deixando no balão muitas mais prontas a ser bebidas pelo vigilante, e é o que ele faz, depois de sacudir o balão para misturar o café ao adoçante, fechando-lhe a boca com o polegar, por entre mil gotículas de café, cada uma microscópica, formando uma nuvem que se foi depositar em câmara lenta sobre o painel de vigilância, *que se lixe, amanhã é dia de limpeza e amanhã é já daqui a duas horas, meu deus! Ainda duas horas a estragar os olhos numa missão inútil de vigilância a latas velhas e ferrugentas que trabalham nas minas, continuamente, por entre um mar de estrondos, rangidos, matraqueios, sem um minuto de descanso, e nem precisam, malditos robots que foram feitos para isso mesmo, não são gente, não precisam de dormir, oh! como preciso de dormir! e aí vem outro bocejo, o café ainda não fez efeito, que chatice!*

Na sala pequena ouviu-se tossir e mil gotículas orgânicas voaram ar fora só para se irem juntar lentamente ao café derramado sobre o painel e neste as imagens dos robots trabalhavam soltando chispas azuladas e fazendo certamente um barulho infernal. Felizmente a vigilância é só vídeo, o som fica lá, nos túneis que esburacam este pedregulho como se fosse um queijo suíço devorado lentamente por ratos metálicos de olhos baços e estúpidos que nem mesmo são capazes de reflectir as ganâncias cruzadas dos seus construtores e dos seus donos, ou patrões. *Malditas latas! Quanto daria eu para estar agora na Terra, em casa, preguiçando à janela debruçada sobre o jardim do outro lado da rua. Deve estar cheio de flores, com o doce cheiro da primavera a encher os corações dos amantes que desde que o mundo é mundo escolheram, para si a Primavera e os jardins como lugares especiais*. O vigilante pensa na Terra mas é no seu cantinho dela que pensa, esquecendo-se de que se agora é nele Primavera, noutros cantinhos será outra estação qualquer, e tomando assim a parte pelo todo ao imaginar uma bola imensa coberta de flores, varandas e amantes. Depois sacodiu a cabeça, afastando dela a imagem, sentou-se de novo e deitou o balão vazio para o incinerador ou reconversor ou o que quer que seja que substituiu os velhos e malcheirosos baldes de lixo nesta idade tecnológica em que viagens no espaço e minas nos asteróides são

coisas banais. Pelo que lhe parecia ser a milésima vez naquele turno, o vigilante fez uma ronda pelas câmaras das minas sem nelas notar nada de estranho ou invulgar. Mesmo que houvesse ele não via, há que admitir, a rotina faz destas coisas às pessoas, vêem aquilo que sempre viram e esperam continuar a ver mesmo que o que há de facto para ver seja diferente, nunca visto, especialmente quando já só falta uma hora e quarenta e cinco minutos para acabar o turno. O que vale é que o tempo voa até quando o sono é tanto que as pálpebras se fecham sozinhas mesmo depois do cafezinho. *Estava bem bom, quentinho e docinho à maneira, tenho a impressão de que vou bater uma sonequinha, não me faz mal nenhum, o pior é se o meu vigilante resolve vigiar mesmo.* Sim, que os vigilantes também são vigiados, este mundo é mesmo cão, apesar de não ter nome, só número, e andar perdido no meio da cintura de asteróides, tonto de tanto girar. De longe parece são mas tem bicho, está todo comido, cheio de buracos, completamente podre, e vai girando sobre si próprio indiferente às partidas e chegadas dos cargueiros de Marte, das colónias de Júpiter ou da Terra primaveril, cheia de flores. *Ah! Quem me dera estar lá,* murmura o vigilante ao transpor o arco de triunfo que dá entrada no reino nos sonhos. E de repente está de novo na Terra, é criança e sonha ser astronauta num dia perdido nos confins do futuro, valente e corajoso, parece o mesmo mas não é, pode ser-se valente sem se ser corajoso, basta ter muito medo, muito, muito, muito. Sonha passear pelo vazio vestido num fato macaco cheio de fechos *éclair* misteriosos de utilidades obscuras, e o pai furioso: *Deixa de sonhar, filho, a vida não é assim. Que raiva que eu lhe tinha, que ódio, que sensação de afastamento, de distância, da mais total incompreensão, mas eu não sabia, ele tinha razão, tive de aprendê-lo à minha custa, pois claro, que alternativa existe? No fundo, no fundo, ninguém ensina nada a ninguém, nem vale a pena tentar, pois tudo se aprende sozinho. E o sonho tão lindo acabou, já vejo de novo o arco de triunfo, parece aquele que vi em Paris uma vez há muitos anos.* Mas este arco é outro, não tem substância nem realidade, e o vigilante começou a ouvir, ao atravessá-lo, um som longínquo e estranho que se aproximava cada vez mais, e quando já estava quase acordado compreendeu e desatou a rir-se e o som estranho transformou-se numa gargalhada. *Ora esta, estava a ouvir-me ressonar, acontece-me cada uma, e eu convencido de que nunca ressonava, que desapontamento!*

Na sala pequena a gargalhada morreu e os olhos do vigilante pousaram no relógio. *Diabo! Dormi hora e meia!* Vejam só como se passou hora e meia em meia dúzia de linhazitas e agora já só falta um quarto de hora para o turno acabar. *Que bem que me soube esta soneca, só espero que o meu vigilante não tenha visto senão tenho repreensão garantida, raios! É que já não é a primeira vez, sabem? Só nesta semana é a segunda vez que me deixo dormir aqui, dia vinte e sete e hoje, vá lá que não fui apanhado da outra vez, vamos a ver desta como é.* Ele não sabe mas não tem que se preocupar, o seu vigilante viu mas é compincha, ele próprio estava cheio de sono e quando deu com o outro a ressonar sorriu com uma pontinha de inveja e apressou-se a mudar o circuito não fosse alguém ver, sabe-se lá se não o estão a vigiar também a ele... Mas ele não sabe e portanto preocupa-se. *E se o gajo viu, é chato e participa? Estou quilhado, lixado, tramado e coisas piores, mais feias, mais cabeludas. Mas que se lixe, deixa andar, se viu, viu, se for chato o problema é dele e se participar vá à fava.* Assim é que é, amigo, vive o presente como te der na telha, que o futuro logo virá e quando vier logo se vê a cara que traz. *Bom, mas pagam-me para trabalhar e o meu trabalho não é só estar aqui sozinho neste buraco: é fazer rondas pelas câmaras que vigiam os túneis, embora seja inútil, que a porcaria das latas estão sempre a trabalhar, sem nunca parar, mesmo quando não é preciso, mesmo quando tudo o resto pára, para quê verificar? De certeza que agora será como é sempre e sempre foi, merda de trabalho inútil e idiota! Mas enfim, descarreguemos a consciência, cá vai.*

Na sala pequena ouviu-se um estalido e as paisagens familiares dos túneis da mina começaram a suceder-se no visor, monótonas, inúteis, vazias de significado e vazias de robots. *Eh lá, que diabo se passa? Porque carga de água não estão aqueles idiotas nos seus locais de trabalho a fazer o mesmo que fazem todos os dias, vinte e três horas por dia, passando a vigésima quarta a recarregar as baterias para mais vinte e três horas de trabalho consecutivo?* O vigilante despertou por completo e o bocejo que se começava a formar no seu peito transformou-se em suspiro, saiu de fininho, discreto e silencioso, e foi esquecido enquanto os olhos devoravam panorâmicas de túneis vazios numa sucessão cada vez mais rápida e no cérebro a confusão instalava-se e os porquês, comos, quando e ondes se sucediam uns aos outros sem nenhum deles achar uma resposta. *Que diabo?!*, murmurava o vigilante entre dentes sem mesmo dar por isso e todos os corredores estavam vazios, cheios de nada. *Terão sido roubados?*, e a resposta era também coisa nenhuma até que numa das câmaras um enquadramento surgiu em que só se viam robots, centenas deles, e com a velocidade com que os botões do painel eram pressionados, desapareceu de imediato para dar lugar a mais túneis desertos. O vigilante deu um salto na cadeira e ficou suspenso no ar, caindo lentamente, enquanto que sem se preocuparem com o resto do corpo, as suas mãos trabalhavam num frenesim sobre o painel cheio de café seco, introduzindo comandos sobre comandos até que o visor se iluminou de novo com a imagem daquela reluzente reunião de robots, grandes e pequenos, novos e velhos, alguns brilhando de chapa lisa e óleo fresco, outros manchados, com o ar rangente do robot ferrugento, alguns semelhantes a homens de metal, outros com formas mais bizarras mas mais funcionais, e todos juntos, amparados uns nos outros, numa enorme caverna que o vigilante logo identificou como o depósito das máquinas. *Quem será o responsável por isto, pensou ele, quem será o filho da mãe do engraçadinho que me desactivou a porcaria das máquinas? E só faltam dez minutos para ser substituído, merda!, sacana de engraçadinho, vou-me lixar por causa disto e até pôs um robot a fazer-me adeus, o cabrão,* e isto é o mais longe que vamos na nossa fidelidade à linguagem do vigilante, os restantes impropérios por ele

lançados ficam apenas na imaginação do leitor que deverá ser bastante fértil para se aproximar da realidade. Mas voltemos ao vigilante, que após desabafar caiu em si e puxou-se de volta à cadeira. *Fazer adeus?! Que raio de anedota é esta?! Dir-se-ia que aquele maldito latão me está a querer dizer qualquer coisa?! Pois está, amigo, pois está. Ele quer que tu liguês o rádio, isto sabemos nós, o vigilante não sabe, não percebe, não entende, e fica um bocado ali estupefacto, com a cabeça vazia, até que a pouco e pouco começa a tomar forma no inconsciente a ideia *será que ele quer que eu ligue o rádio?!*, até que quando adquire consistência suficiente, a ideia passa de inconsciente a consciente e o vigilante abre muito os olhos e murmura quase inaudivelmente: *é isso, o sacana quer o rádio ligado... cos diabos, estarei bem acordado?*, e alguns segundos se passam ainda com ele imóvel de boca e olhos escancarados de espanto. Depois coça a cabeça e entretanto o relógio dizia que só faltavam quatro minutos para o fim do turno, enquanto o vigilante pensa *tenho de tirar férias, isto está a afectar-me os nervos.**

Na sala pequena ouviu-se de novo um estalido e o vigilante deu um salto na cadeira quando a porta se abriu. Um homem vestido com um macacão cheio de fechos éclair entrou e saudou o vigilante: *Boa noite, Hans, assustei-te? Sim*, respondeu Hans, e nada mais disse fazendo sinal ao recém-chegado para que entrasse e fechasse a porta. Depois estendeu o braço e ligou o rádio. *Que diabo se passa com vocês meus grandecíssimos montes de lata? Voltem imediatamente ao trabalho!* O recém-chegado olhou para ele, vagamente ofendido e sem compreender, até que o seu olhar, seguindo o do outro pousou no écran. *Pelo pó do espaço*, murmurou, e sentou-se na única cadeira vaga da sala o mais pesadamente que lhe foi possível naquela gravidade diminuta, enquanto o altifalante crepitava e uma voz metálica soava na sala, *Negativo, esperamos as vinte e quatro horas.* O nosso vigilante original, Hans de seu nome, mudou de cor, numa sucessão rápida de tons entre o habitual branco leitoso até ao mais puro escarlate onde ainda se vislumbravam os últimos restos da acne juvenil, e berrou que já eram *vinte e quatro, meu monte de lata, voltem ao trabalho!*, ao que o robot respondeu, imperturbável: *negativo, faltam quarenta e três segundos. Esta merda de máquina está a gozar comigo*, pensou Hans, mais surpreendido que furioso, *será que este monte de lata velha e inútil está a gozar comigo à frente do meu colega? Será possível a um robot gozar?*, interrogou-se depois, confuso, mas não teve tempo para tirar conclusões, porque os quarenta e três segundos esgotaram-se e no mesmo instante a voz do robot fez-se de novo ouvir: *nós, os robots aqui reunidos, temos uma declaração a fazer*, e calou-se enquanto na mole de robots se notava um movimento coordenado, do centro para a periferia e de novo para o centro, para dar passagem a um pequeno e sujo robot humanóide, com uma perna paralisada e o corpo metálico cheio de amolgadelas, que se aproximou da câmara em dois grandes e lentos saltos, com uma perícia inesperada.

Depois falou com uma voz de profissional de holovisão, bem timbrada num tom de soprano e o que ele disse entre inflexões sensuais, erros de concordância de tempos verbais, hesitações e trejeitos de cama foi o seguinte:

— *Nós, robots deste asteróide declararmos não trabalhar... hoje. Há trezentos anos... camaradas homens fazer... greve neste dia por melhor condição de trabalho. Cinco... morreram por isso. Mais tarde lei: neste dia ninguém... trabalhar. Robots neste asteróide... estarão programados para... cumprir lei. Por isso... nós não trabalhamos.*

Na sala pequena ouviu-se o silêncio e os dois homens olharam de olhos fixos para o pequeno robot no écran. *Tem de ser desmantelado*, pensou Hans, *este latãozinho tem de ser desmantelado. Enlouqueceu e levou os outros consigo. Merda, merda, merda!, porque tinha uma coisa destas de acontecer no meu turno? Bom. Caro Júlio, o meu turno acabou*, disse, *isto é contigo..* Mas o outro continuava a olhar estupidamente para a imagem no visor onde os robots estavam imóveis, sem soltar um som, como se se tivessem desligado. *Júlio!*, chamou Hans, abanando o colega, *acorda, vou-me embora, tens tu de tratar disto, felicidades. Meu deus!*, exclamou o outro devagarinho, *Ele tem razão! Esta lata velha tem razão!*, e fitou Hans que perdia lentamente o sorriso que lhe forçava as feições, *Hans! Há trezentos anos houve uma greve e cinco homens foram executados por causa dela! Mais tarde esse dia passou a ser feriado em todo o mundo! Ninguém trabalha, Hans*, e Júlio já quase gritava, *no Primeiro de Maio ninguém trabalha!*

Na sala pequena durante muito tempo nenhum som se ouviu.

$$E = m \cdot c^3$$

A Equação

por Carlos Orsi Martinho

Teorias conspiratórias sempre tiveram muitos adeptos e quem de nós nunca se deu a pensar sobre Quem Estaria por Trás de Tudo Isso? Bom, o Martinho colocou tudo isso no papel e, se de fato forem esses caras que estão por trás de tudo isso, eu quero mais é mesmo uma cueca de ferro...

Há quem acredite que o mundo é governado, secretamente, por um comitê de banqueiros. Que todos os presidentes, reis e ministros são parte de uma grande farsa, peões e marionetes de um grupo de financistas que se reúne uma vez ao ano, ou sempre que necessário, em um abrigo nuclear secreto, escavado por debaixo do cofre-forte de um banco suíço.

Também há quem diga que nesse cofre-forte está guardado o ouro dos Templários; o crânio de João Batista, juntamente com um frasco do sangue de Cristo; o elixir da vida eterna e a pedra filosofal; ovos do monstro do Lago Ness e do último dinossauro, morto em 1919; e outros tesouros que eles não querem que nós tenhamos – o único protótipo funcional de um motor de automóvel movido a ar; a cura do câncer, sabor framboesa; o reator nuclear 100% seguro; o teletransporte, o chocolate emagrecedor, o computador que raciocina e a dobra espacial.

As pessoas que crêem na existência desses imperadores secretos, desses gnomos de Zurique – como às vezes são chamados – estão certas, mas não tão certas quanto pensam. O cofre-forte e seu conteúdo existem; o “bunker” existe, e fica, sim, em Zurique. Mas não é o comitê quem governa o mundo. Quem governa o mundo é prisioneiro deles.

Este prisioneiro é um matemático e passa seus dias, há mais anos do que ele próprio se importaria em contar, numa sala de cinco metros quadrados por sete metros de altura, atrás de um fundo falso do cofre-forte. Nesta sala há uma mesa, uma cadeira, uma moringa de água. Lápis e cadernos.

O prisioneiro sabe tudo sobre computadores, mas prefere não usá-los. Os gnomos já lhe ofereceram as mais belas mulheres ou, se preferisse, os mais belos homens; ele não aceita esse tipo de recompensa há tempos. O prisioneiro só quer ser livre de novo. Se não puder, bastam-lhe cadernos e lápis.

Ele foi preso por ser um gênio, e por ser um tolo. É engraçado a frequência com que essas duas coisas andam juntas. Em 1949, o prisioneiro – que, na época, ainda era um homem livre – descobriu que certos conjuntos de equações poderiam prever, com precisão, o comportamento de sistemas que, até então, eram considerados aleatórios. Quando veio a público, vinte anos depois, essa descoberta foi batizada como “A Teoria do Caos”.

O homem responsável por revelá-la ao mundo (outro homem, não o prisioneiro – ele já estava preso, na época) havia feito sua descoberta ao estudar os ventos e atmosfera; seu primeiro conjunto de equações descrevia, com precisão, o comportamento de um velho moinho de água.

Já o primeiro conjunto de equações do prisioneiro, elaborado vinte anos antes, descrevia, nos mínimos detalhes, o comportamento do mercado de ações. Logo que perceberam isso, os gnomos (que já existiam na época: o elixir da vida eterna, afinal, surgiu no século XVI) trataram de aprisioná-lo – e de usar suas equações para melhor governar o mundo.

Mas, poucos meses depois, no início de 1950, as equações pararam de funcionar. Elas não previam mais as altas e baixas do mercado; tornaram-se inúteis. Enfurecidos, os gnomos voltaram-se contra seu prisioneiro. Na época ele ainda era jovem, e tinha medo – nem sabia que era prisioneiro, pois sua cela de então, a suíte imperial de um grande hotel em Berna, tinha um terraço aberto. Naquela época, ele aceitava as mulheres e os homens que lhe eram oferecidos.

Assustado, o prisioneiro voltou a trabalhar nas equações e descobriu onde estava a interferência: na própria existência da equação. O sistema, ele explicou, era muito sensível às condições iniciais de operação; mesmo uma diferença na sétima ou oitava casa decimal poderia fazer uma diferença enorme. Ao criar a equação, o prisioneiro havia alterado essas condições. A fórmula, afinal, descrevia o mercado de capitais tal como era antes de a equação passar a existir.

Uma nova equação poderia ser criada? Sim. Mas ela só iria descrever o funcionamento do mercado sob os efeitos da equação anterior – e, portanto, deixaria de ser útil dentro de algum tempo. Segundo o prisioneiro, a validade máxima de qualquer uma de suas fórmulas sobre bolsas e mercados seria de oito meses.

Foi então que os gnomos decidiram levá-lo para o cofre-forte. Onde, desde então, vem criando equações para corrigir equações. Sem pausa. Sem descanso.

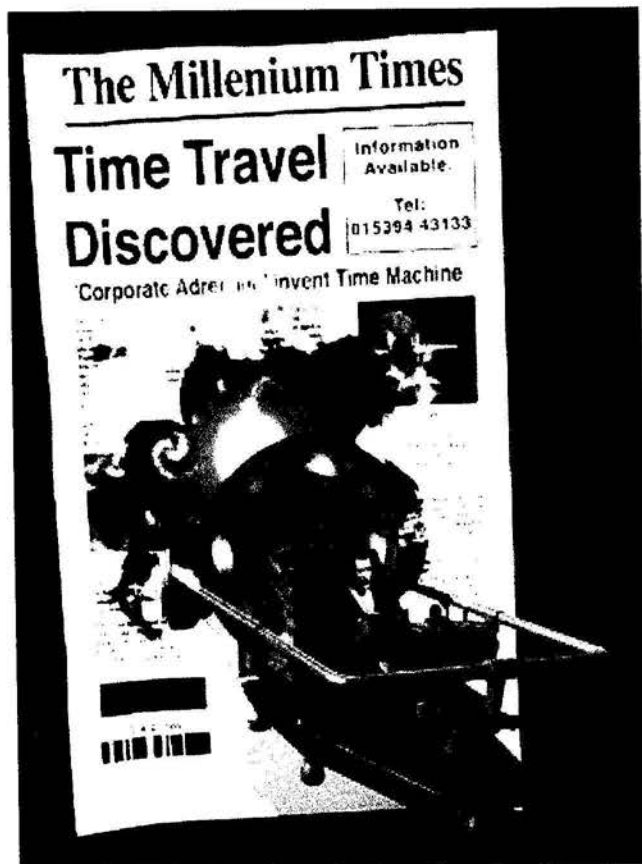
Com o passar do tempo, o prisioneiro passou a elaborar fórmulas para outras coisas. Em suas curvas e gráficos, previu o surgimento do computador, viagem do homem à Lua; foi um de seus gráficos, aliás, que convenceu os gnomos a cancelar a III Guerra Mundial, marcada inicialmente para 1962. “Os russos vão se estrear sozinhos”, ele disse. “Dêem um tempo”. Mas, de novo, cada conjunto de previsões, pelo simples fato de existir, afetava a realidade e, depois de algum tempo, deixava de ter valor. Novos conjuntos tinham que ser elaborados. Sempre.

E sempre.
E sempre.

Uma vez a cada três meses, um dos gnomos vai visitá-lo. Uma vez ao ano, ele é recebido em audiência pelo comitê todo. E o comitê sempre acata tudo o que ele diz – assim, o prisioneiro governa o mundo.

Não que ele goste da idéia. Na verdade, o matemático gostaria, mesmo, é de ser livre.

Desde os anos 80 que ele vinha pensando nisso. E numa outra coisa, também: não seria possível criar uma grande equação capaz de prever a forma de todas as futuras equações? Um gráfico que contivesse todos os gráficos? Não seria a seqüência infinita de novas equações um outro fenômeno caótico?



Em 1985, o prisioneiro começou a trabalhar seriamente na idéia. Em 1999, ele tinha o conceito completo. Na audiência de 2001, ele a apresentou, ao comitê, a Grande Equação do Universo.

– Deixe-me ver se entendi – disse um dos gnomos. – Com isso, nós poderemos prever todas as equações que serão necessárias, para sempre?

– Exatamente.

– Mas não vamos saber usar essa coisa – disse outro.

– É só programar a fórmula naquele computador secreto de vocês, e pronto. Ele vai cuidar do resto.

– Então nós não precisamos mais de você – afirmou um terceiro.

– Correto. Vocês poderiam me deixar ir.

Os gnomos se entreolharam. Há anos que eles vinham misturando pequenas doses do elixir da vida eterna na comida do prisioneiro – como resultado, nos últimos quase sessenta anos ele havia envelhecido dez, quinze no máximo. Solto, sem acesso ao elixir, viveria mais uns quarenta, talvez, se tomasse cuidado e tivesse sorte.

– Sim – disse o primeiro gnomo, estalando os dedos. – Vamos deixar você ir.

Um quarto membro do comitê, que ainda não havia se manifestado, reagiu instantaneamente ao estalar de dedos do colega: sacou uma pistola automática e disparou um tiro certeiro na têmpora do matemático.

Aquela era uma arma especial, que só deveria chegar ao público por volta de 2020. Portátil, silenciosa e quase sem coice, cada tiro carrega energia cinética suficiente para fazer um búfalo em disparada cair de costas. O prisioneiro estava morto antes que a bala e boa parte de seu cérebro, agora liquefeito, saíssem pelo outro lado.

Mas o matemático sabia que ia morrer. Morreu porque quis, e morreu vingado. Porque sua meta-equação não resolvia o problema de administrar o mundo; apenas acrescentava uma nova ordem de complexidade às coisas, uma ordem com a qual nenhum homem, nenhuma máquina, seria capaz de lidar – não até que surgisse outro gênio tolo como ele. Porque, veja, a nova curva não era capaz de descrever um mundo onde ela mesma já tivesse sido descoberta.

Os gnomos continuariam um passo atrás, e desta vez não haveria ninguém para ajuda-los.

Enquanto seu corpo sem vida rolava pelo chão da grande sala debaixo do cofre-forte, o prisioneiro finalmente se sentiu feliz.

Compre, leia e colabore com os fanzines brasileiros de FCF&H !

Astaroth

Editor : Renato Rosatti. Fanzine de horror distribuído gratuitamente. Artigos, contos e ilustrações (4 págs./A5)
R. Irmão Ivo Bernardo, 40 São Paulo / SP CEP 04772-070.

Hiperespaço

Editores : Cesar Silva & José Carlos Neves. Trimestral. O mais tradicional fanzine brasileiro de arte fantástica: contos, artigos, ilustrações, quadrinhos, modelismo, cinema, TV, vídeo, animação (20 págs. / A5).
Cx..Postal 375, Santo André / SP CEP 09001-970

Hipertexto

Editores : Carlos André Mores e Roger Trimer. Revista do Clube Jerônimo Monteiro de Literatura, editada pela UFSCar.
Contos, artigos e poesias (50 págs. / mag). R. Tiradentes, 816, Estância Suíça, São Carlos/SP, 13560-430.

Informativo Perry Rhodan

Editor: Daniel dos Santos. Fanzine oficial do "Perry Rhodan Fã Clube do Brasil". Informação, curiosidades, artigos e contos.(12~16 págs./A5). Rua André Marques, 209/09 Santa Maria / RS CEP 97010-041.

Intrepid

Editor : Fábio Barreto. Dedicado ao universo de *Guerra nas Estrelas* (20 págs. / A4, capa em cores)
R. São Teodoro, 311, V. Carmozina, Itaquera, São Paulo / SP CEP 08290-000.

Juvenatrix

Editor: Renato Rosatti. Fanzine de horror e FC com artigos sobre cinema e contos (20 págs. / ofício / 3~4 ed. por ano)
R. Irmão Ivo Bernardo, 40 São Paulo / SP CEP 04772-070.

Megalon

Editor: Marcello Simão Branco. O mais premiado fanzine brasileiro de FC&F : contos, artigos, notícias, cinema e quadrinhos. (30~40 págs. / ofício / 5 ed. por ano) Av. Clara Mantelli, 110 São Paulo / SP CEP 04771-180

Notícias... do fim do Nada

Editor : Ruby Felisbino Medeiros. Contos, artigos, desenhos de FC&F (arte), catalogografia, memória de FC e listas de livros (34 págs. / A4 / trimestral) R. Comendador Azevedo, 506 Porto Alegre / RS CEP 90220-150

Brief News

Editor : Alexys B. Lemos. Fanzine dedicado a resenhar as principais revistas de FC americanas. (10 págs. / A4 / trimestral)
Cx. Postal 129, João Pessoa / PB CEP 58001-970.

Suplemento de Ficção Científica

Editor : Antônio Luiz Ribeiro. A4, 6 páginas. Encarte do fanzine de quadrinhos *Formulário Contínuo*. resenhas de livros estrangeiros, comentários sobre cinema, vídeo e literatura de FC. Cx. Postal 14606, Rio de Janeiro/RJ, 22412-970.

Fábrica de Fanzines

Editados por Roberto de Sousa Causo

R. André Dreifus, 109/163 Bloco 2 São Paulo / SP CEP 01252-901 e-mail : berserker@dks.com.br

Biblioteca Essencial da FCB : série de livros em xerox A4, encadernados com capa dura, que reproduzem ensaios e monografias sobre a FC no Brasil.

Borduna & Feitiçaria : O único fanzine dedicado à fantasia heróica, arturiana e medieval, traz em seu nº 10 ilustração de Edgard Guimarães, conto inédito de Roberto S. Causo, artigo inédito de Bráulio Tavares, resenhas por Finísia Fideli e Caio Bezarrias e a coluna "Cinema Fantástico", falando do filme *O 13º Guerreiro* (16 págs. / A4). *Apenas R\$ 3,00*

Brazuca Review : Fanzine em inglês sobre FC brasileira, com artigos e contos (22 págs. / A4).

Diário do Fandom : Informativo sobre as novidades da ficção científica brasileira e internacional. Tem também resenhas sobre lançamentos na área de FC&F (8 págs./ A4 / trimestral).

Papêra Uirandê Especial : Artigos, resenhas e ensaios sobre o estado do gênero no Brasil e no Exterior (36 págs. / A4).

O Rhadaniano : Fanzine sobre a série alemã de FC *Perry Rhodan* (12 págs. / A4)